

ASSIGNATURAS	
ANNO	20\$000
SEMESTRE	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
RUA 1.^o DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

A Constituição da Republica vêdou aos Estados — crear impóstos de transito pelo territorio de um Estado, ou na passagem de um para outro, sobre productos de outros Estados da Republica ou estrangeiros, e bem assim sobre os vehiculos de terra e agua, que os transportarem; mas, os Estados, não satisfeitos com os impostos sobre a exportação, sobre a produção do seu sólo, o suór do seu povo, pensaram que era uma das prerogativas da autonomia estabelecer pequenas alfandegas, barreiras oppostas á livre circulação dos productos nacionaes e estrangeiros, já desobrigados para com a União dos impostos de importação.

A manha dos governadores inventou, ao principio, vários meios de burlar a disposição constitucional; artefícios fraudulentos do fisco estadual fôram empregados para attenuarem a violenta arrecadação illegal de impóstos disfarçados sob denominações diversas; e, como a coisa rendesse, resolveram, depois, perpetrar-a, francamente, sem escrúpulos, carregando a mão, com tal gana, que a troca de productos nacionaes se tornou quasi prohibida por impostos de arrancar couro e cabelo.

Em alguns Estados, pagavam fortes contribuições a farinha de mandioca, os cerêaes, as manufacturas procedentes dos vizinhos; e um houve que taxou com dois mil réis cada um kilo de livros, com o louvavel intuito de proteger a litteratura local.

Os interessados, porém, protestaram contra essa cruel tosquia, e procuraram, ingenuamente, a protecção da justiça federal, que os satisfez, dando-lhes razão em numerosos aréstos, interpretando com muita sabedoria a disposição constitucional, aliás clara e terminante. Esses aréstos luminosos, sentenças de juizes seccionaes, accor-

dãos do Supremo Tribunal, obtidos com immenso dispendio de paciencia, de custas, através das torturas de um processo, obsoleto e absurdo, nunca fôram cumpridos, porque o governo federal, muito medroso da execução do art. 6.^o da Constituição, nunca ou sou intervir — «para assegurar a execução das leis e sentenças federaes», que passaram a figurar no immenso rôl das letras mortas. Demais, importaria isso uma infracção ás convenções da politica dos governadores, essa aliança de olygarchias, organizada para maior gloria e prosperidade da Republica, e com o patriotico intuito de harmonisar, num fórte hybridismo, a autonomia dos Estados com a soberania da União.

O governo federal se considerava, voluntariamente, de mãos atádas pelas conveniencias ultra respeitaveis, impotente para suffocar os deletérios efeitos dessa politica fiscal, a minar, como um vérme voráz, as energias economicas do paiz. Allegava-se, com um firme tom de sériédade, que a Constituição nada valia sem as leis organicas para a execução dos seus sagra-dos preceitos, e nessas condições se achavam as disposições dos arts. 6.^o e 11.^o Dessas dependiam os meios que armariam o governo federal para combater o despotismo dos governadores insaciaveis, cuja fome de impóstos attingira a excéssos de extorsão in-supportaveis.

Eis porque, sómente passados quinze annos de governo republicano, o Congresso deliberou decretar a lei de prohibição das contribuições inter-estadoaes, desafogando a lavoura, a industria, o commercio nacionaes, cujos productos oneradissimos, deveriam ainda passar pelo estreito crivo das alfandegas-mirins, ou ficarem represados, sem consumidores, nos territorios productores.

Essa lei foi recebida com espontaneos applausos, mas não tardou a desillusão: os governos estadoaes que se

tinham recusado ao cumprimento das sentenças da justiça federal, tambem refúgam obediencia á recente lei que, na opinião delles, deveria ser considerada uma satisfação sentimental aos clamôres da opinião, aos interesses jugulados pela desmarcada ambição, ou pela inépcia dos financeiros locaes, cuja politica consiste em arranjar renda, inventando, augmentando impostos a tôrto e a direito.

E estamos deante desta bella situação: os agentes dos governos locaes, surdos ás prescripções da nova lei, continúam, tranquillamente, a arrecadar as contribuições prohibidas, embóra os juizes federaes pretendam oppôr-lhes embargos á ligeireza, ao crime, porque elles contam com a impunidade e prevêem que o governo federal, muito preocupado com a manutenção da ordem, ainda apavorado com os removidos riscos de um levante debellado, não ousará intervir na fórma do n. 4 do art. 6.^o da Constituição, mórmente quando a esse preceito falta ainda a indispensavel lei regulamentar, que o inolvidavel Prudente de Moraes solicitou com insistencia, e o Congresso recusou com teimosia irreductivel. Ellés estão convencidos de que essa gritaria, contra a desobediencia ás sentenças federaes, só terá o efeito de fatigar, de augmentar o acêrvo de maçadas, que obéram a paciencia do governo; elles explóram a lentidão dos trâmites administrativos que, no emprego dos meios suasórios, das admoestações paternaes, das exhortações amigaveis, consumirão muito tempo, até esgottarem as energias dos contribuintes, desilludidos das garantias legaes.

Não necessitamos de encarecer ao governo, a gravidade do caso e fiamos de sua integridade um remedio prompto, efficaz e definitivo a essa situação vergonhosa.

*
**

E' um dever de justiça reconhecermos que o governo procedeu, na me-

dida de suas forças, o mais correctamente possível, na difficillima taréfa de prover os cargos creados pela nova organização da justiça local. Foi preciso ter cabellos no coração para resistir ás injuncções, aos pedidos dos amigos mais intimos, mais queridos e mais influentes, de uma dedicação céga. E porque a medida do agrádo não se pôde aferir pela bitóla infinita das ambições, já esguicham grandes jactos de desgostos, rompendo as mais herméticas solidariédades.

O governo teve dèdo amestrado em certas escólhas, como essa do nosso querido poeta das *Ondas*, para o cargo de escrivão da Provedoria.

O que tem de ser tráz fôrça. O magnífico Luiz Murat exhibiu sempre a mais decidida vocação para aquelle cargo, que é uma recompensa muito merecida, libertando um homem notavel do fatigante trabalho de cavar a vida com a lyra.

De escriptor a escrivão, a differença não é de palmo. Os officios de justiça e de arte não são incompatíveis. E ha certa semelhança entre uns autos e um poema. A graphia da ríza está subordinada á tarifa de trinta letras, assim como a do verso á metrificacção, que o Guimaraens Passos acaba de dotar com um Dictionario de rimas novas, para regálo dos candidatos ao Parnáso.

O cartório não absorverá o poeta, nem lhe estancará o éstro peregrino. A penna brilhante, que traçou versos sonóros, não se embótará rabiscando termos de arrecadação.

Se o grande Bilac, o poeta das *Estrellas*, é escriptor do *Registro*, porque não poderá ser o Murat, o artista das *Ondas*, escrivão da Provedoria?

POJUCAN

O CABEÇA DE FERRO

Nesse anno de 1782, em Minas, no mesmo lugar em que assenta hoje a cidade de Diamantina, as auctoridades de Portugal, monopolisando para a Corôa portugueza, o commercio dos diamantes, eram implacaveis no seu despotismo.

Entre os trabalhadores empregados na extracção, a miseria era grande. Quasi todos os escravos, soffriam fome, enquanto pelas suas mãos passavam milhões de pedras, que valiam quantias assombrosas, e iam enriquecer o thesouro portuguez.

O trabalho era duro. Primeiro, era preciso descobrir o trecho do rio, em cujo fundo se esperava achar o jazida. Cavava-se ao lado delle um valle, forrado de táboas unidas e calafetadas: cercava-se depois o rio; desviavam-se as suas aguas para o vâlle. Então, secava-se o leito assim descoberto. Quebravam-se as róchas que o forravam, tirava-se a camada inutil de terras e areias: e via-se logo, sob a fórma de um cascálho feio e grosseiro, a preciosa mina, em que dormiam as grandes e rutilantes pedras preciosas. Muitas vezes, o trabalho ficava perdido: não se encontravam diamantes na porção explorada do rio, e era preciso recommear mais longe a mesma dura taréfa.

Tratados com rigor intoleravel, privados de tudo, soffrendo, pela menor falta, castigos horrorócos, trabalhando sem cessar de sol a sol, os desgraçados entendiam-se com os contrabandistas, a quem vendiam os diamantes que furtavam. As auctoridades condemnavam, sem processo, os accusados desse crime. Os contrabandistas, que eram conhecidos pelo nome de *garimpeiros*, eram perseguidos sem tréguas pela tropa. Ás vezes, desesperados, acóssados pela patrúlla da metrópole, os garimpeiros organisavam guerrilhas e resistiam. Corria o sangue de parte a parte.

Os escravos suspeitos eram condemnados á morte, summariamente. Não se abriam devássas. Não se admittiam defezas. Bastava uma simples desconfiança, bastava uma simples denuncia. Alguns, amarrados a troncos de arvores, eram surrados até morrer; outros acabavam crivados de bálas; outros expiravam de fome, no fundo de masmórras sem ar.

Em 1782, era intendente dos Diamantes, José de Meirelles, homem cruel que conseguia ser ainda mais tyranno do que os seus antecessores. O povo dava-lhe o nome de *Cabeça de Ferro*. Violento, fez pesar sobre Minas a sua maldade. Quem por esse tempo viajava pela região, que ficava sob o domínio do Cabeça de Ferro, via, de espaço a espaço, corpos no chão, varados de tiros de espingarda, cadáveres de enforcados oscillando nos galhos das arvores. Eram as victimas do intendente.

Mas, não eram sómente os suspeitos do crime de contrabando que soffriam o peso do seu odio. Bastava ter pena do soffrimento dos pobres escravos, para ser considerado cúmplice delles. A cadeia do arraial estava constantemente cheia de innocentes, cujo crime unico era o ter dado um pedaço de pão a um trabalhador faminto. O Cabeça de Ferro era omnipotente. Quem ouzava contrarial-o, se escapava da morte, era degredado para a Africa, e deixava a familia na miseria, porque todos os seus bens eram confiscados para o Estado. E, quando o intendente atravessava o povoado, arrógante, de sobre-

cenho cerrado, seguido da multidão dos seus guardas armados, o terror corria as ruas. Portas e janéllas fechavam-se. Nenhum olhar se atrevia a fitar o olhar do orgulhoso senhor, que tinha nas mãos o destino de todo o povo.

Essa tyrannia já durava trez annos, quando, por occasião de se celebrar uma festa religiosa no arraial, veio para prégar o sermão, na Villa do Príncipe, um sacerdote modesto,— homem de rara virtude, cuja palavra ardente estava sempre cheia de bençãos para os humildes e de maldições para os orgulhosos. Era o vigário Brandão. Ninguem imaginaria, vendo o pequenino, fraco, de olhos postos no chão, tão pobremente vestido que causava dó, ser aquelle o homem que nunca receiára dizer a Verdade, por terrivel que fôsse, aos grandes da terra. O povo, quando o viu chegar, acolheu-se sob a sua protecção.

O vigario viu os arredores do povoado cobertos de cadáveres sem sepultura; viu as casas dos suspeitos incendiadas por ordem do intendente; viu a cadeia cheia de infelizes, que gemiam sob o peso dos ferros, victimas quasi todos de accusações infundadas; viu o pavôr que affligia toda a gente: e, com palavras duras, que o amor da justiça inspirava, intimou o Cabeça de Ferro a respeitar as leis da Humanidade. O intendente sorriu. E a sua crueldade augmentou.

Chegou o dia da festa.

A igreja, cheia de povo, resplandecia de luzes. Quando o vigario ia falar, entrou o intendente; seguia-o a sua guarda: e o implacavel tyranno, arrógante, caminhava de olhos erguidos, dominando com a sua presença temerosa a multidão, que tremia.

O vigário começou a falar. A sua voz clara e colérica, tinha uma magestade divina. Falou dos magistrados que apenas para opprimir os pequenos e os pobres sabiam usar do poder que a vontade de Deus lhes confiára.

O seu olhar não se afastava do ponto em que estava o intendente, e o seu gesto, dirigido para elle, apontava-o como o causador da desgraça das familias condemnadas á orphandade e á fome; lançava-lhe em rosto o assassinato frio de tantos innocentes; condemnava-o a vagar sósinho na terra, fadado a uma velhice de angustias e de remórsos, para pagar a sua deshumanidade: e descrevia, ao vivo, o soffrimento dos que jaziam no fundo das masmórras escúras, dormindo sobre a lama, gemendo de sêde, com os corpos chagados pela pressão das cadeias de ferro.

O povo todo, immóvel de assombro, diante de tamanha audacia, escutava em silencio. O Cabeça de Ferro, com as faces accêsas de cólera, tremia na sua cadeira. Levantou-se, cruzou os braços, e encarou o prégador.

Durante minutos, que pareceram seculos, esses dois homens, — um, todo poderoso, temido, rico, armado, cercado de trópa, representando a auctoridade despótica de el-rey, — e o outro, fraco, pobre, sem armas, sem soldados, tendo apenas por si a Verdade, — longamente se fitaram em silencio. Foi o homem poderoso que cedeu.

O intendente baixou os olhos, com todo o corpo abalado de um tremor convulsivo. O povo murmurava. E o padre, sem tirar os olhos do criminoso, clamava:

— Ministro de Satanaz! como afe-rôlhas miseros innocentes nesse horri-vel calabouço, quando o seu crime só foi terem tirado da terra os thesouros que a Providencia ahi occultou, para que egualmente a todos os homens servissem? Um dia, a innocencia clamará contra ti, no tribunal divino, longe das paixões do mundo: e a maldição de Deus pesará sobre a tua cabeça!

Houve um movimento geral na multidão. Viram todos que o intendente, de cabeça baixa, trémulo e abatido, se encaminhava para a porta da Igreja. Seguiam-no os soldados da sua guarda: e o povo abria álas para deixar passar, humilhado como um réo, aquelle que, havia pouco, passára sobranceiro como um deus.

Houve ainda quem temesse que, ao saír dalli, o Cabeça de Ferro fôsse preparar a sua vingança contra o atrevido que o injuriára, cobrindo-o de opprobrio e de vergonha.

Mas, no dia seguinte, soube-se no arraial, com allivio, que todos os que estavam presos injustamente, tinham sido póstos em liberdade; que os cadáveres que jaziam nos arredores sem sepultura, servindo de pasto aos còrvos, tinham sido enterrados; e que a sorte dos criminosos, nos calabouços, tinha sido suavizada. E, de então por diante, todo o povo respirou, vendo o intendente reconciliado com a justiça e com a humanidade.

Porque, quando o amor do Bem e da Verdade palpita na vóz humilde de um jústo, essa vóz, por si só, é bastante para illuminar e purificar a alma endurecida de um tyranno.

OLAVO BILAC

DOR

O livro de contos, que o leitor váe percorrer, é escripto por um moço já conhecido na imprensa desta capital, e que podia muito bem dispensar estes dois dedos de prosa insípida e incolôr.

Não se tratando, portanto, de uma cerimonia de apresentação, para a qual aliás confesso a minha inópia, pois

que em casos taes chego até a esquecer o nome dos apresentandos, cingir-me-ei a collocar entre a pagina de rôsto do livro e o primeiro conto, meia duzia de phrases, que traduzam rapida e sincéramente a impressão produzida em meu espirito pelo talento do auctor.

Escragnolle Doria é um delicado. Seus mestres, no estudar os assumptos e na arte de dizer, fôram os Goncourts. Esta influencia não carêce de ser demonstrada; o discipulo já a confessou em bem cuidados artigos publicados no *Jornal do Commercio*, sobre a indole litteraria dos dois escriptores francezes. Não é impunemente que se admira um artista de talento; no extase váe uma enorme absorpção, e, quando menos pensa, o cultor de bella obra tem se saturado della, tem-se nutrido com sua seiva. O que seria para estranhar era que o auctor de *Dôr*, praticando assiduamente com os Goncourts, não adquirisse esse parentesco intellectual.

Todavia, o estudo dos processos goncourianos não lhe fez perder a individualidade. Escragnolle Doria segue dócilmente o proprio temperamento. Não é um impassível até a crueldade; nem a observação attinge nos seus trabalhos essa acuidade quasi feróz, que matou o pobre Jules. Brando, sério, sincero, convencido, gôsta de descrever atritos de almas primitivas em interiores domesticos e aristocraticos. No intuito de exprimil-os, sem grandes rebuscamentos, elle procúra produzir os effeitos mais pelas differenças do que pelas analogias.

Cada conto desse livro tem o seu *leit motiv*, — um sentimento subtil, que se entretêce gracilmente com os contrastes esparsos através da narração.

Narrando, o auctor muitas vezes intenta gracêjar; mas, vê-se logo adeante que o gracêjo não reside na estrutura de seu espirito: sempre emittidas a furto, raramente expansivas, as phrases que o insinuam esfriam e dissolvem-se em uma ironia vaga, abortada.

Ironia, diria eu; accrescentarei: livrêsa. Por certo, não é de natureza lancinante como impressão nascida do *sunt lacrimæ rerum*; antes, pelo contrario, essa ironia assemêlha-se muito a uma cautêla de delicado deante do mundo, mansa, sem hostilidades súrdas, talvez benigna.

Explico os laivos do scepticismo inculcado em *Olga Perfection* pela vida do auctor, educado em um meio differente do commum, residindo em Petropolis, e pelos contactos dos circulos diplomaticos. Quem não sentirá o effeito da displicencia *high-lifiana* lendo *Miss Star* e *Lucia Sourire*? Estes contos revêlam o tacto e o conhecimento das conveniencias da vida de salão. Tudo nelles transpira distincção social e esméro de observador, cuidadoso e discreto, das reticencias, sem as

quaes não se comprehendem as relações, principalmente femininas, de pessoas habituadas a viver com os pés em Petropolis e os olhos em Nisa. Esta e outras historias, colleccionadas no livro, dir-se-iam escriptas por uma penna segura por dedos enluvados. Não me consta que Escragnolle Doria ande em Petropolis permanentemente de luvas; aqui, na rua do Ouvidor, ao contrario disto, tenho-o visto várias vezes, em dias de chuva, envolvido em casacão de *cheviot*, xadrez marron e amarello manteiga, que lhe dá o aspecto de um judeu de Frankfort. Seja, porém, como fôr, certo que algumas de suas composições resentem-se de luvas, pelo menos no espirito.

Ha um Arriaga no conto intitulado *Dôr*, em que, segundo parece, o auctor descarregou todas as suas intenções de artista. Na bôcca desse *souffre douleur*, collocou elle phrases como estas: — «Busquemos a verdade gemendo.» — «Não será mais doce respirar cem flôres do que desfolhar uma?»

Arriaga era «um investigador da belleza feminina; empregava a imaginação inteira evocando, na linha, no perfume, na fórma das fibras de Eva a essencia das idéas proprias; despia-as para vestil-as com as côres do seu sonho.» E, porque sonhava como artista, em todas as coisas, Arriaga falhava a vida. Casado com uma mulher apathica, imaginosa e quiçá nevrosthénica, um dia adoeceu do insuccêsso do seu romance *Ultimo amor*. Incomprehendido pela esposa e por sua vez não a tendo comprehendido, esse infeliz morre com um gesto de existencia annullada pela insufficiencia de correlações entre a concepção e a fôrça executiva, e entre esta e o meio ambiente. Não creio que o artista pretenda endóssar as tortúras desse typo, até o fim. Desconfiança? Provavelmente. Talvez preocupação do *chic*; ou, melhor, reminiscencia do desastre de Jules Goncourt. Torturado rigorosamente pela fórma, suppliciado, precito — é que nunca. Faço justiça ao temperamento de Escragnolle Doria: pelos seus nervos não corre aura epiléptica.

Deixemos em Arriaga o que constitúe simples veleidade. O Doria que eu vi á porta da *Semana*, em dia tempestuoso, sorrindo por entre o pello hirsuto do seu casacão de judeu, será incapaz de morrer como Keats, do mal de *Andromaca*.

Vejamos a emoção. Neste capitulo haveria muito que examinar e discutir. Limitar-me-ei ao que resálta da simples leitura.

De ordinario, o contista desdenha provocar no leitor qualquer emoção intensa; o seu intuito visível é fazer de preferencia reflectir. Como, porém, nem sempre a imaginação ou o factio observado offerêce elementos, que sub-

stancialmente sublévem a alma, succede que o escriptor vê-se impellido a usar das amplificações do estylo, e começa a brincar com os assumptos em vez de desenvolvê-los. A penna esfusía pelo papel, talvez illudindo a si mesma, e acaba por firmar conceitos, ora por conta propria, ora postos na bôcca dos personagens; conceitos que inculcam compenetração superiorá importância das théses propostas. A preocupação dos personagens em causa, muita vez é frivola, e accusa um desejo de entrar profundamente na esphera da clarividencia psychologica. Não serei eu quem censúre as pretensões de vários personagens do livro, num tempo em que tantos escriptores se propõem a imitar Stendhal, ainda que se exponham, como o magistrado do romance de Dostoiewsky, aos sorrisos de Raskolnikoff.

Sem embargo disto, ha contos de Escragnolle Doria, que produzem larga emoção. Entre outros, citarei *Magna eterna*, historia concisa e rapida do martyrio de um doente a bórdo de um transatlantico. A dedicação do irmão do infeliz passageiro, a morte deste, a dôr excruciante do primeiro, tudo isto desfiado atravéz do ruído de bórdo, no meio da etérna e limpida marinha do Oceano Atlantico e da alacridade de viajantes indifferentes; tudo isto o auctor descreve em tom elegiaco, provocando uma sensação de soluço dentro d'alma. Notarei outros contos que participam de eguaes qualidades: *Sangue Iscariota*, que é a historia de uma traição entre duas irmãs, que amam o mesmo homem, determinada inconscientemente por uma vesania de temperamento; *Almas honestas*, em que se vê uma pobre mãe brutalmente apunhalada pela noticia do fuzilamento do filho nos acampamentos do exercito brasileiro em operações no Paraguay, por ladrões, justamente quando pensava encontral-o glorificado na victória.

O estylo de Escragnolle Doria não se resente, sinão raras vezes, desse pontilhado cansativo, que caracteriza o dos goncourianos. A phrase córre espontânea e ataca o espirito do leitor de modo incisivo, salvo quando o auctor, na ausencia de assumpto concrêto, começa a crear nas proprias tiras de papel em que escreve, de improviso, caractéres vasios de significação, e portanto angustiados em paradóxos ou aphorismos philosophicos.

A paisagem, a descripção dos meios é sempre rapida, e apparece como um complemento da psychologia do personagem. Um ligeiro tóque na téla, um esfumado aqui, uma nota crúa acolá, e ahí tem o effeito conseguido. O desenho meréce mais cuidadas minucias do escriptor.

Todavia, paginas encontram-se no livro que manifestam a influencia de uma prósa que tem invadido os roda-

pés dos jornaes fluminensas. Refiro-me a certas historiêtas que o contista pretende narrar no tom intimo da linguagem usada nas salas de jantar das nossas casas de familia. Esse tom não está de accôrdo com a indole de tal artista. Conversar á manga lássa, na liberdade do lar domestico, não é o mesmo que dizer uma anedócta picante ou notar um caso curioso, em róda cerimonia, guardadas as conveniencias exigidas pela cultura social.

Prefiro o Escragnolle Doria de luva de pellica.

Riachuelo, dezembro, 1895. (*)

ARARIPE JUNIOR

Este artigo deixou de ser insérto como prefacio ao livro criticado, por motivos independentes da minha vontade. Foi redigido ha 9 annos. Não ha motivos para alteral-o. Publico-o hoje.

A. J.

PAGINAS ESQUECIDAS

DESCRIPÇÃO DO QUARTO DO AUCTOR

De escarros a parêde matizada,
Sobre a mesa bastante papel velho,
Noutra parte, sem aço antigo espêlho,
E um tinteiro, que só vê tinta aguada;

Do tecto immensa têa pendurada,
Duas cadeiras já sem apparêlho,
Immundicie que dá pelo joêlho,
E a pequena janella esburacada;

Quatro livros francezes emprestados,
E um estreito lençól de côr mui preta
Aonde enrósco os membros descarnados;

De mordedoras pulgas tropa infecta,
Persevêjos cruéis, ratos malvados:
Aqui tendes o quarto de um poeta.

XAVIER DA CUNHA

(Este poeta das margens do Vouga entra no templo de Apollo pelo cano de esgôto. Vivia sujamente não tem outro merecimento além da basófia e alárdo da sua sordidez. No seculo passado, o poeta de officio acanalhava-se, fazendo gála de pelintra. Era condição obrigatoria para graugear a irrisoria alcuinha de poeta exhibir os cotovêlos coçados da casaca, as melenas hirsútas a esvurmar caspa, os dentes lurados e os gestos idiotas da allucinação extatica. Assim devia ser este Xavier da Cunha, que fez em um soneto a «Descripção do quarto do auctor», «pedida por uma senhora».

CAMILLO CASTELLO BRANCO)

*

O REI LUIZ DA BAVIÉRA

Luiz II, o Bem-amado, nascêra em 1845. Em junho, quando foi o desenlace tragico, estava a ponto de fazer quarenta e cinco annos. Era neto daquelle rei que abandonára throno e scéptro pelo rodopío funambulêscio de Lôla Montes, a célebre dansarina.

Tinha o principe dezenove annos, quando em 1864 succedeu a seu pae. Era um rapaz bom e corajoso, mas atacado da «doença de rei» — essa molestia que nos latinos se chamou já «loucura cesariana», e entre os germanos se devia chamar a «loucura de Hamlet»: um mixto da ambição e pessimismo, de desdém e de phantasia, nebuloso e tragico á maneira desses céos da Além-Rheno, que põem nas consciencias dos homens a fluidez de um estado permanente de equívoco.

Em 1866, estalou finalmente o ultimo acto desse duéllo historico entre a Prussia e a Austria, começado na Refórma. O rei Luiz, espécie de d. Sebastião da Allemanha (porque o nosso heróe foi um rei Arthur perdido no extremo occidente, nas praias do mar venturoso); descendentes dos Wittelsbach, que desde 1180 reinavam na Baviéra; neto de Othon I, o grande, que houvera o ducado do lendário Barbaruça e com elle combatêra em Italia, esmagando Henrique XII, o leão; representante de uma familia que tantas vezes estivera a ponto de pôr na cabeça a corôa imperial — o rei Luiz odiava o *borussio* com um odio de raça, e por isso montou a cavallo e partiu para a aventura que a espingarda de agulha liquidou em Sadówa.

Vencido com a Austria, desilludido cruelmente, o Bem-amado disse como Hamlet:

Mau delights me not!

O mundo aborrêce-me; mas, o mundo respondeu-lhe tambem:

Alas! poor Yorik.

Ai de ti, meu pobre doido!

Doido estava, positivamente, o rei Luiz. Começou pela manía dos palacios. Construia para abafar o seu tédio. Umaz vezes, estava em Berg; outras, em Hohenschwangon; outras, em Lindehop, errante sempre, fugidío, trocando as voltas a toda a gente. Sentia-se um rei da comédia, vestido pelo cancellér prusso, elle que sonhára, talvez, com a corôa da Allemanha. Alta noite, levantava-se perseguido pelas visões, montava a cavallo e galopava, galopava na matta do castello, para se atordoar. De uma vez, vinha, á frente do seu estado maior, passar revista ao exercito, que o aclamava; mas, esse exercito não era d'elle, era do prusso, e, de repente, ferido por esta idéa, corrido de vergonha,

partiu a toda a brida, fugindo de tudo, de todos, e foi enclausurar-se no seu ascetério de Berg.

Os seus palacios eram de fadas, nos recéssos mais agréstes das montanhas, sobre pincaros inacessiveis, ou em ilhas banhadas pelas aguas dos lagos alpéstrés. De noite, ao luar, na sua barca, fazia de cysne — o cysne da lenda, o Lohengrin da phantasia germanica. As salas tinham alçapões e esconderijos, portas falsas e sahidas mysteriosas em galerias subterraneas.

O seu luxo era feito para desorientar a gente. Pagava dois milhões por uma *toilette* de porcelana de Saxe. Um lustre célebre, um lustre que a fabrica de Meissen levou quatro annos a fazer, custou-lhe setecentos mil marcos. Certa cama um milhão; e nessa cama havia uma cólcha da China, bordada a ouro — uma maravilha. Não podendo reinar, gastava.

Havia, então, na Allemanha outro doido, que traduzia a sua nevróse em palacios musicaes, tão phantasticos, tão extravagantes, como os do rei Luiz. Wagner, perseguido tambem pelos credores, estava escondido em casa de um amigo seu, em Stuttgart. Soube-o o rei — e abraçaram-se as duas realézas, as duas loucuras, as duas desgraças. Deu ao musico o seu theatro, fez-lhe depois outro expressamente em Beyruth, exigindo como recompensa unica ouvir sósinho, ás escúras, a Tetralogía épica em que os seus sonhos tomavam realidade, e em que o mundo lhe parecia um só, o da scena e o dos homens, o das visões e o dos factos, interpretados em symphonias de uma allucinação atroadora.

Wagner, porém, um bello dia morreu, e foi como quando em Sadówa se desfizeram em fumo as suas esperanças de grandeza monarchica. Ia-se agóra, em fumo, em cinzas tambem, o homem que lhe curava a nostalgia ideal que lhe restava.

Correr os credores e os ministros a ponta-pés, e pedir á escória da gente a satisfação caustica do seu desespero. Fechava-se num quarto, e o Lohengrin da loira Germania sentava-se á mesa com lacaios e policias, com soldados e cocheiros. Encarregava o seu cabellereiro de lhe formar um ministério. Sumia-se por uma porta falsa, quando appareciam as barbas do tio Luitpoldo; e quando os ministros vi-

nham dizer que tudo ia mal, dava-lhe com as portas na cara e com a biqueira da bota na parte menos nobre do cõrpo humano.

Com aquelle respeito sempre grave de allemães, perante o throno, os ministros agitavam-se involuntariamente, e sahiam todos curvados. Mas, o sério era que todas as questões do Estado se resumiam no pagamento das dividas do rei, insondavel abysmo! O tio Luitpoldo já déra trez milhões. O dr. Erb já diagnosticára sabiamente a alienação mental. O *Bem-amado* ordenára aos seus ministros a liquidação de certos *cães* mais raivosos de Munick; e, vendo que nada faziam, despachou dois cavallarias para lhe trazerem preso o sr. de Lutz, presidente do conselho.

Nos jornaes, nos botequins, nas cervejarias de Munich, não se falava em mais do que no desbrágamento do rei. Os architectos, os estofadores, todos fórmavam um cõro de lastimas clamorosas, e, por fim, decidiram-se a intentar uma acção civil contra o rei caloteiro. Não havia, sequer, já um judeu habil que dêsse um ceitíl!

Interviéram, então, os medicos e deram-no por doido. Os drs. Gudden, Hagen, Grashey e Aubrico declararam sabiamente que o rei padecia de *paranóia*, o que em linguagem vulgar significa demencia. E eis ahi o triste fim da historia começada em 1866, no turbilhão da campanha da Bohemia, entre o estalar rapido das espingardas de agulha.

Depuzéram-no, acclamando seu irmão — outro doido! Confiaram-no á guarda do dr. Gudden, e, uma manhã, antes de almoçar, passeavam ambos, o doutor e o rei, em volta do lago. Os abetos alpestres photographavam-se no espelho azul da agua, que tinha paizagens, visões encantadas, gandiósas, de um mundo talvez menos cruel.

—Doutor, disse o rei, de repente. E um banho?

Eram ambos altos, robustos, sanguineos. O rei tirou o casaco, o collête, o chapéo, e jogou-os para longe. E lançando-se sobre o outro, pegou-lhe dos braços fortemente. Luctaram, giraram, e, por fim, o rei, levando consigo o medico, afogou-se com elle.

To die, to sleep.

Perchance to dream...

A vida é um sonho, disse Calderon;

morrer é dormir, disse Shakespeare; sonhar, quem sabe? Vida e morte, realidades e phantasias, são tudo interrogações.

Quem sabe? como o hespanhol diz, é, no fim de tudo, a summa inteira da sabedoria... A doutorice affirmou que o rei estava doido; mas elle, suicidando-se, desmentiu-a, porque o suicidio é um acto de loucura, que sómente praticam os que estão em seu perfeito juizo. O *Bem-amado* julgou encontrar no mysticismo da Arte, o segrêdo das ambições perdidas. Foi um romantico, e, por isso, o seu povo o chorou com desespero tal, que se tornou necessaria a intervenção da trópa.

OLIVEIRA MARTINS.

REMINISCENCIAS

14 de Março de 1894

O CRUZADOR NICTHEROY

O MARECHAL FLORIANO
AS CORVÊTAS PORTUGUEZAS
A ESQUADRA AMERICANA

A's primeiras horas do dia 14 de março de 1894, alguns alumnos do Collegio Militar embarcavamos, no cões entrincheirado do arsenal de Guerra, em uma lancha, delicadamente cedida pelo coronel Emilio Jourdan, auctor da conhecida obra sobre a lucta de 65 a 70, contra o governo de Lopez.

Em pouco tempo, singravamos as aguas da bahia; eramos, talvez, dos primeiros a fazel-o, após a rendição das fôrças de Saldanha da Gama, tendo em mira, eu, um alvo supremamente pacifico: abraçar um irmão, alumno da Escola Militar, que a urgente necessidade do momento transformára, como a quasi totalidade de seus companheiros, em tripolante da esquadra legal.

Advertiram-nos do perigo da nossa excursão naquella linda superficie, sempre tentadora e mansa, da enorme bahia; bem era de temer a existencia de minas explosivas, de linhas de torpêdos, póstas, no seu bôjo, em todos os sentidos, pela marinagem revoltada. Nós, porém, creanças e inconscientes, não demos guarída ás previdentes observações do coronel Jourdan, e, em meio á barafunda daquelle instante, embarafustámo-nos em o recésso da embarcação e, em pouco tempo, abordavamos o immenso navio, o legendário capitânea da esquadra legal, outr'ora simples transporte de bananas de Cuba para Nova-York: o cruzador *Nictheroy*.

Minha missão era de paz; não me

conduzia á náu fortificada o instincto bellicioso de investigar, mas puro sentimento fraternal, que, durante todo o tempo da lucta, fez pairar, sobre o famoso cruzador, minhas mais delicadas preocupações de irmão, misturadas sempre com préces a Deus pela bôa sorte do navio. Si os espiritos acompanham, afastados do cerebro, os objectos sobre que recaem, estou certo que o meu não se afastou, um minuto sequer, do navio de guerra; foi-lhe sempre ao encálço, pelos mares fóra, tão constante, talvez, como a branca esteira, que, dia e noite, no oceano deserto, deixava a náu, no seu ligeiro singlar, envolvida ora por fugázes esperanças duma aventura feliz, ora por sinistros preságios dum mergúlho eterno no seio insondavel dos mares.

O meu irmão querido, eu o vi logo, de muito longe, a face tostada, magro, ferido, no início da sua mocidade, por aquella prova amárğa de seu amor ao dever, numa lucta civil.

Eis uma impressão commovedora que não tentaria descrever: para esmiúçar a bemfasêja alegria daquelle momento longinquo, palavras simples eu não as teria sinão lavadas pela eloquencia das lagrimas.

*
* *

O cruzador *Nictheroy* não era um navio de guerra: constitúa, antes, depósito inqualificavel dos mais diversos armamentos, das mais diversas munições; monstruosa mina de dynamite, mal protegida por um casco penetravel pelo mais inoffensivo projectil, elle, levado pelos ares, medonhamente, apenas o transpuzesse o primeiro balázio do inimigo, explodiria.

A sua artilharia devia de ser excelente, lindos canhões, a B.B. e a B.E.; o melhor delles, num dispáro experimental, em Santa Catharina, entrou; o assento frágil distava das necessarias proporções exigidas pelo póрте poderoso da peça. Na prôa, aggressivo, assestaram o horrivel pneumático, engenhado pelo tenente Zelinsk, da marinha americana; o monstro medía, no comprimento, 15 metros. Era todo prateado. O sol, batendo no dórso, arrancava-lhe faíscas.

Amedrontava. Tinha uma legenda: elle, só, operaria o desbaráto completo, a destruição irreparavel da esquadra revoltosa. Eu tive, naquelle dia, bem nitida idéa do que seria, na verdade, de sua estrutura, um fórte chinês, arrancado ao papelão pela manufactura oriental.

O navio de guerra não é só a fôrça, na sua bruteza. E' o asseio, é a disciplina, é a ordem. O *Nictheroy*, em conjuncto, destôava da ordem, do asseio e da disciplina, constituindo o invérso de taes predicados, essencialissimos á missão que desempenhava, o caracte-

ristico expressivo da sua organização intóleravel.

A tripolação compunha-se de soldados, alumnos militares, e de numerosa marinhagem, onde, excépto diminuto numero de marújos brasileiros, tudo mais era pessoal norte americano, recrutado, a peso de bons *dollars*, mediante intervenção da diplomacia indigena, nas cidades maritimas da outra America.

Devia de ser penoso aos nossos compatriotas, naquella emergencia lamentavel, o contacto com gente estranha, mercenários da peor espécie, visando todos o aniquilamento material de uma parte das forças armadas do paiz, insurgida contra o governo republicano, o primeiro que, constitucionalmente, o novo regimen *instituido pelo exercito e pela armada, em nome da nação*, fructificára, quatro annos antes. Aquella mészcla era producto de extrema necessidade de defesa e, simultaneamente, oppróbrio extremo, a consorciar, no recinto de fortificação militar, onde tremulava o pendão nacional, o sentimento altruista de nossos compatriotas, movidos por convicções nobilissimas, a instincto egoista e requintado de estrangeiros, que só a peso d'ouro movidos, só impellidos pela *auri sacra fames*, vinham prestar toda a efficacia de seu concúrso a uma causa para a qual apenas os attraía o tinir de libras esterlinas. O *Nictheroy* era, desse modo, a confusão e a balbúrdia; nova Babel erguida nos mares da patria brasileira; os elementos nella congregados eram estranhos em todos os sentidos: na lingua, na raça, na religião, na nacionalidade, e até no móvel que os punha sob um pavilhão commum. Em verdade, o symbolo de nossa patria estava deslocado quando o arvoraram no mastro do *Nictheroy*, porque o principal caracteristico desse mesmo symbolo é a unidade, é a solidariedade, é a fraternidade, e elle, alli, estendia a sua sombra sobre o conluio de tudo quanto a alma humana póde contêr de mais diverso, oppôsto e antagonico.

Mas, fuçamos a essas considerações de ordem moral. Continuemos a descrever o material do navio, os alojamentos da sua tripolação, a essencia, em fim, de sua organização material.

Os destemidos alumnos da Escola Militar passaram, naquella antro, soerguido ás pressas, improvisadamente, os mais incommodos dias da pelêja contra a revólta.

Sem exaggêro — era de lama o leito sobre que repoisavam da fadiga.

Construidos de madeira, nem sequer pintada, os seus alojamentos afiguravam-se a essas construcções onde se abrigam os gallináceos nas praças de mercado mal construidas; appellidavam-nos, com muita propriedade, de *poleiros*. Não havia espaço para

evoluções nas praças do navio: tudo estava accumulado nellas, e expostas a explodirem ao contacto de simples fagulha, viam-se, aqui, alli, acolá, na vasta náu, as mais diversas munições, desde as minúsculas balas de carabinas até o monstruoso alimento do pneumático monumental — cujo tamanho excedia o de um homem avantajado em proporções. E tudo era dynamite, dynamite, dynamite!

E o *Nictheroy* era o capitânea da esquadra legal; nelle permaneceu, continuamente, o almirante Gonçalves, o marinheiro reformado que, em vista da disseminação do sentimento da neutralidade na armada nacional, acudira, solícito, ao appello do marechal Floriano.

Foi nesse scenário — nessa Babel erguida á flôr dos mares brasileiros, que eu, no dia seguinte ao da victória da legalidade vi, novamente, o marechal Floriano Peixoto. Estava fardado dessa vez: vestia sobre-casaca e calças brancas.

O marechal correu todo o navio. Alguns monossyllabos proferiu o vice-presidente victorioso; mas, sorumbatico, indifferente, quasi, a tudo. Quando deparou o canhão pneumático, notou-se-lhe, no frio semblante, algum espanto; depois, o marechal, sem proferir palavra, abraçou alguns alumnos militares, desceu a escada do navio e, entre salvas retumbantes, sumiu-se, calmo. Dahi a pouco, a tripolação do navio acorria toda para um dos bórds: eram as tão frágeis quanto heroicas corvêtas portuguezas que, rumo da barra, se moviam, levando, no bôjo pequenino, o restante da marinhagem brasileira revoltada, que escapava assim, graças a um acto de benemerita humanidade, á posição acêrba em que ficariam deante dos vencedores, sinão á *bôcca de lóbo* que a aguardava. Portugal, que nos tempos antigos, traçara nos mares desconhecidos, com a quilha de suas náus fragíllimas, o caminho das Indias, e que, de permeio, arrancára o Brazil á selvageria, avolumou, muitas centenas de vezes, o mérito de suas tradições gloriosissimas, arrojando-se á humanitaria empreza de azylar os brasileiros vencidos, no seio hospitaleiro de suas fracas corvêtas. Não se passaram muitos instantes e outro espectáculo mais bello, mais grandioso, mais pujante, na fôrça indomita que representava, deparavam os nossos olhos: era a esquadra americana que tambem se ia, rematada a sua missão (*interventora?*) na lucta civil brasileira.

Branca como a alma de Washington, forte como a consciencia nacional americana, disciplinada como a indole ordeira do *yankee*, ella passava pela fróta brasileira — suja, preta, com as tripolações debandadas no convéz num desalinho, numa barafunda indiziveis.

Dos navios americanos, o *Brooklyn*,

o *New-York*, o *S. Francisco*, sôava uma musica que era o hymno nacional do Brazil. Via-se a tripolação americana formada no tombadilho, em continencia, mettida na brancura de seus unifórmes, ostentando o garbo, o viço, a sériédade da sua organização naval militar. Ah! confronto acêrbo de duas grandes patrias, as maiores do novo-mundo, como deixaste confrangidos, penalizados e tristes os corações brazileiros, naquelle momento unico e singular de nossa historia politica!

Antes de receber o soccôrro estrangeiro para debellar a revólta, deveria o governo, como escreveu o sr. Joaquim Nabuco, transigir com a revolução?

A criação desse triste *precedente nacional* parece hoje despida dos grandes perigos com que a encarcu esse escriptor notavel, levado por uma nova e patriótica politica internacional á culminancia da nossa diplomacia. Permitta Deus que o concúrso estrangeiro nas nossas luctas civís se afaste de vez, e que o exemplo de 93, assignále, solitário, na vida nacional, o maior recúo que um povo póde praticar, quando o dominam as cégas paixões politicas ambiciosas.

BENTO DA GAMA.

O PINTOR LUIZ DE FREITAS

E' um rapaz pequeno e louro, de olhos claros e fundos, cheios de uma certa anciedade interrogativa, esse pintor brasileiro do sul, que de volta de uma curta estadía sob os céos d'arte e amor da Italia, expõe agóra os seus quadros na galeria Vieitas, depois de ter tentado mostral-os ao publico, em um edificio qualquer, sito á rua 1º de março.

O arsinho inquieto, aparentemente nervoso, desse artista, esconde um calmo trabalhador, muito convencido da sua arte, e que prodúz tudo quanto póde dar o seu talento — esses bons quadrinhos de genero e essas discrétas paisagens, nas quaes ha sempre alguma cousa que admirar, quando não seja o afinco, o esforço, a taréfa levada a termo com todo o ardor de um bom estudante.

Em geral, o sr. Freitas não mostra grandes pretensões nas suas télas — é um modesto agindo. Mas, entre as paisagens expóstas, a de mais vulto, *Omnia vincit amor...*, procúra certamente traduzir o sentimento virgiliano do eterno amor, em contraste com a eterna labúta humana: um casal de moços do campo, que se namóra ante um extenso trigal, rumorejando com a ceifa, e sob um sol faiscante, que não fecunda apenas o trigo...

Certamente, a concepção não offerece novidade, a disposição das figu-

ras não é nenhum achado, nem a paisagem é de impressionar. Ha de bom, comtudo, o colorido quente e louro, a louvavel afinação do campo e das creaturas esparsas nelle, o que é raro entre os nossos paisagistas, mesmo os melhores, que muitas vezes mettem desastradamente numa paisagem verdadeiros borrões, com o ar de figuras.

As demais télas — vistas e interiores — si não agradam ao primeiro relance, por causa do aspecto commum de coisas já conhecidas, são tratadas technicamente com frescura e brilho, o que lhes dá algum preço.

As aguaréllas não nos agradaram muito, e póde ser que não tenham agradado aos competentes. Na *Noite de inverno*, as figuras são rígidas e de faces duras, e no *Jogo da Mora*, os dois sujeitos não teem nenhuma flexibilidade, e as côres se entrechócam, confusas, sem a suavidade que se quer na aguarélla.

Achamos que o sr. Luiz de Freitas, um consciencioso trabalhador, como é, poderia ter apresentado uma exposição mais completa. Comtudo, soube dar, nestes quinze dias de horrivel calor e horrivel poeira, a unica impressão de arte para o Rio de Janeiro.

O ALMIRANTE (17)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO X

— Oh, marqueza, a senhora é uma potencia de primeira ordem. Adeusinho...

E partiu, arrepanhando as sáias num gesto brejeiro, quasi desenvólto, mostrando uma nêsga de perna torneada e vigorosa, em contraste com o corpo flexivel e delgado.

Na sala immediata, encontrou d. Eugenia, e exclamou, com alvoroço:

— Que pena! Eu saío quando a minha querida d. Eugenia chega... Como vão as meninas? E o conselheiro?... Esqueceu o Dádá?... Ah! que luta por tão pouca coisa!... Tenho movido Deus e o mundo e... nada. A politicagem é um terrivel obstáculo, minha cara... Lembre-lhe a remoção do meu adorado maridinho... Sim?... Adeusinho. Não me posso demorar um instante.

Beijou d. Eugenia nas duas faces, com estrépito, e desapareceu numa tempestade de sêdas rugidôras e tréscalando a musgo, que era o seu perfume predilcto.

A marqueza fôra ao encontro da amiga.

— Saío agóra mesmo a Dolôres — disse ella, com um suspiro de allivio.

— Encontrei-a — respondeu-lhe d. Eugenia — tão apressada que nem me deixou falar.

— Fez bem em vir. Tenho estado tão nervosa.

— E' a ancia de abraçar o nosso Almirante.

— Não duvido. Os dias passam com morosidade cruel. Oh! como é penoso esperar.

— E Hortencia? Vim vê-la. Já não quer mais saber da casa.

— Deve estar no parque, ou no *Chateau*, que está um brinco. Tudo feito por ella. Parece que passou por alli a mão encantadora de uma fada... E o nosso conselheiro?

— No Paço... Sempre preso ao dever e mal recompensado. Ah, marquezeta, os velhos servidores já nada valem; não são ouvidos nem cheirados. Estamos numa quadra de novidades, de loucúras, de aventuras perigosas. Olhe: o exercito está descontente.

— Que importa se os negocios vão admiravelmente. Renasce a confiança, no governo da Princeza, que remiu os brazileiros de uma mácula infame. Tinha razão o padre Paulo, quando disse: uma mulher esmagou a cabeça da serpente; outra mulher esmagará a hydra da escravidão. E ella, mulher predestinada, está recebendo as benções do povo, acclamada por todas as camadas sociaes o instrumento providencial, a meiga e adorada Isabel, a Redemptora.

— Como viu, marquezeta, realizaram-se todas as previsões do Antonico. O Imperador, fiél aos seus habitos politicos, não quiz desfechar o golpe, cujos efeitos se lhe figuravam muito perigosos: elle temia um abálo social, porque, diz meu marido, consérva a impressão das revoluções sangrentas que lhe deixaram na infancia traços indeléveis. E' bem possivel que povôem os seus sonhos os phantasmas dos martyres da revolução do Equador, a figura de frei Canéca, do padre Roma, Mororó, Pedro Ivo, Nunes Machado e outros, que marcaram, com sangue, as convulsões politicas que terminaram em 1848.

— Seria para mim uma distração ler a historia dessa época.

— Isto não está nos livros, nem nos compendios da historia, senão pallidamente narrado: porque ninguem ousou, jámais, escrever com verdade os horriveis pormenôres dessas revoluções para não incorrer no desagrado da Corôa. O Antonico tem tudo isso na cabeça e em nótas para um grande livro, que será publicado depois da sua morte, sob o titulo: *Memorias de um servidor fiél da monarchia, ou contribuições para a historia da fundação do Imperio*. Não imagina o que ha alli de talento e conhecimentos profundos. Só eu sei o que vále aquella cabecinha de velho, sempre encapótada numa modéstia tôla.

Mas, como ia dizendo : o Imperador, desconfiado e cauteloso, arriscou a filha á aventura, durante a sua ausencia. Se fôsse mal succedida, a responsabilidade recairia sobre ella, como uma imprudencia de mulher piédosa, sentimental ; e, então, elle voltaria da Europa a concertar as coisas com o seu prestigio. Agóra, porém, o imprevisito assegurou o prestigio da Regente com uma victória extraordinaria, e o Antonico diz que estamos no alvorecer do terceiro reinado, talvez, pela abdicção, mais proxima do que se suppõe.

—Seu marido prevê isso ?

— Aquella creatúra vê longe no futuro. Ainda hontem, voltando do Paço, elle me disse : não te illudas, minha mulher. Entrámos num periodo de surpresas, de precipitação de idéas, ha muito reprovadas, cuja corrente caudalosa está minando os ultimos diques para se precipitar devastadora sobre os fundamentos da ordem social. E não haverá braço capaz de contê-la, porque o povo verificou que o perigo de refôrmas radicaes não passa de um espantálho dos interessados, sob pretextos de cautélas, de intuitos conservadores. Seja como fôr, minha querida, vivo atormentada por máus presentimentos, quando ouço o Antonico, ao ler os jornaes, murmurar preocupado : isto váe mal, muito mal. . .

—O conselheiro é da velha escola, conservador como ninguem.

—Não é isso. Elle vê longe. Ah ! Que homem de Estado estaria alli se não fôsse tão tímido, tão desinteressado. Pobre Antonico ! E' um galé da confiança do Imperador, preso á corrente de honrarias. . . Ha de morrer veador. Não é por meu gosto. Eu bem o instigo, mas o homem não se móve daquelle carrancismo, ao passo que outros, sem os merecimentos delle, vão explorando as posições e cuidando do futuro da familia. . .

—Deixe estar que lhe arranjaréi um logar de director da minha companhia. . .

—Oh ! minha cara marqueza, faça isso. Veja se o lança aos negocios. Elle lhe quer tanto, que não será capaz de recusar. . .

D. Eugenia, sacudida de contentamento, desfez-se em protestos de reconhecimento, planeou os meios de demover o conselheiro da resolução de não se metter em negocios ; a marqueza, porém, caíra em fundo scismar, quasi indifferente ás manifestações ardentes da amiga, todo o seu semblante defórmado por um véo de tristeza. Após algum tempo, como se despertasse, inquiriu.

—Gininha, você conhéce um doutor Valente ?

—Oh ! o medico das senhoras ? O medico da móda ? Quem não o conhéce ? Contam delle coisas increditaveis, como sábio e como char-

latão, desastres e curas occasionadas pelo que elle chama o seu invento.

— Que inventou elle ?

—Uma feitiçaria para esterilisar mulheres. Mas. . . porque m'o pergunta ?

---E' que a Dolôres acabou de fallar delle com um enthusiasmo. . .

—Não ha que ver. Talvez já seja das taes. Ah. . . minha amiga, como a nossa sociedade váe descendo !. Como está, moralmente, mudado o nosso Rio de Janeiro !. E' uma lástima. Entretanto, ha quem diga que essa desenvoltúra de costumes é um signal de progresso. Eu, por mim, prefiro o carrancismo, as idéas atrazadas a esse progresso de falta de respeito e de vergonha. . . que váe alastrando, como um enxurro, sujando tudo e revolvendo, como numa váza, a gente sã e a gente ruim. E ficamos na triste situação de não podermos evitar o contágio, porque, onde quer que estejamos, encontraremos esse vicio élégante e seductor ao lado dos nossos maridos, face a face das senhoras honestas, e perturbando a candúra das nossas filhas. . . E' um horror, marqueza, uma desgraça. . . E, se a gente quizer evitar essa promiscuidade perigosa, tem que ficar reduzida a um limitado circulo de amigos, de relações muito restrictas. . . como as minhas.

—Nem sempre é possível restringilas : os deveres, as conveniencias nos arrastam a contragosto. Não podendo organizar a sociedade conforme as nossas idéas, não ha remédio senão aceital-a como ella é, com as suas imperfeições, as suas torpêzas. Cada um se presérve, como poder, do contagio.

—E' por isso que o Rio de Janeiro váe se tornando insaciavel. Vão escasseando os centros de reunião das familias, onde se encontrem e cultivem afféctos em plena confiança as familias de lei, a gente limpa. . . isenta do veneno da calúnia. . .

Hortencia penetrou na sala com rumor de lufada, rubra de mormáço e o trage em desalinho. Estacou, surpreendida ao encontrar a mãe, e atirouse-lhe nos braços, num espontaneo impulso de ternúra.

— Ah ! marqueza — murmurou d. Eugenia—está deitando a perder uma rapariga. Veja como está queimada. Parece que ainda está na rôça. . .

—Não foi nada, mamãe—balbuciou Hortencia, ainda offegante. Montei num dos cavallos que chegaram hontem. O animal entrou a galopar suavemente, mas, ao chegar ao fundo da chacára, espantou-se com a roupa estendida a córar e disparou pela avenida das jaqueiras, na direcção da cocheira. Um dos homens, que trabalham no jardim, o apanhou pelas rédeas ; elle estacou, empinou para se libertar, e eu saltei na relva. Que bello animal !.

—Vejam isso ; podia ter caído. . .

A marqueza sorriu.

— E' a senhora a culpada — continuou d. Eugenia, afflicta—com a sua tolerancia, a sua excessiva bondade, pelos desatinos desta cabecinha de vento. . . Que differença das irmãs : Amelia é o juizo em pessôa ; Laura, creatura pacáta e meiga, que mal se preocupa com os prazeres de sua idade. Esta, porém, não repára que já é uma moça para abandonar esses módos de creança. O pae tambem é responsavel por isso. . . Acha elle graça em tudo e diz-me sempre que a reprehendo : que pretendes, mulher ? Contrariar a natureza, o temperamento ? . . . Pois não te queixavas de que ella se estiolava, franzina e moleirona ? . . . Ah ! a tens transformada com a vida ao ar livre do campo, o oxigeneo das montanhas, a musculatúra desenvolvida pelo exercicio, sã de corpo e alma.

—O conselheiro tem razão — observou a marqueza. Não me creassem num convento, eu seria outra. Não estaria apoquentada pelos meus nervos e seria muito mais feliz. Teria os meus filhos vivos e robustos. Não estaria agóra com inveja de você, Gininha, da Marianninha, das mães venturosas.

— Vá ver o que fiz, mamãe — atalhou Hortencia — Como arranjei tudo direitinho, com muito juizo. O *Chateau* está um brinco. Parece uma casinha preparada para receber noivos. Uma belleza. Toda cercada de rozeiras que entram pelas janellas e trepadeiras, madresilvas a se enroscarem pelas columnas com uma graça deliciosa. Tudo meio selvagem como um bósque, porque não consenti que os homens, que estão aparando tudo pelo jardim sem piédade, cortássem um galho das môitas em tôrno da bella casinha que está mesmo atufada num ninho de verdúra, alegre e cheirosa.

—Vejam que partes !—observou d. Eugenia, intimamente satisfeita.—Ha de estar frêsca a tua arrumação. Faça idéa. Vamos ver essa maravilha.

E as trez saíram para o jardim e seguiram, procurando a sombra das grandes arvores, de toiceiras de bambús, que rugiam, lâmures, ao açôite das brisas da tarde, até alcançarem a casinha do Almirante, uma construção rústica de pedra e cimento com torções forrados de héra virente, as parêdes de pedra tôsca rasgadas de esguias janellas ogivaes, onde brincava, numa orgía de lampêjos, a luz do sol decomposta nos vidros de forte e variegado colorido. Em tôrno, como Hortencia disséra, cresciam, numa exuberancia adústa, a côma intonsa de môitas de rozeiras e bogaris, léques lustrosos de palmeiras delgadas, entrelaçadas de ramos, onde rebrilhavam com fulgor as manchas purpúreas, os

calices de hypoméas sensuaes. E os jasmíns, as madresilvas, as gardênias e as rósas casavam os seus perfumes, num filtro suavíssimo e capitoso, a evolvar, mysterioso e subtil, das caçôilas fartas, onde palpitavam, mollemente, grandes borbolêtas azúes.

Aquella vegetação nascêra na liberdade do abandono, sem as correcções da estéthica monotona dos jardineiros, com o tom selvático de plantas damninhas, urzes ouriçadas de espinhos, bromélias e cáctos, como o castello lendário onde dormisse uma princeza encantadora o somno secular, á espera do despertar pelo amor. Hortencia respeitára a pequena brenha, como a marquetteza deixava intácto, impenetravel o Paraiso, o saudoso ninho do amor extinto, denunciado apenas pelo murmúrio lamentoso da fonte, como um pranto sem consôlo.

Sob a arcada do perystilo, donde pendiam, em festões, voluptuosas cataléas, havia já o vestigio das mãos de Hortencia: entrada desembaraçada, os bronzes da porta de imbúia polidos como oiro, um fôfo capácho rematando a tira de lona de friso azúl, desdobrado sobre o ladrilho de mosaico e o assoálho envernizado da salêta de entrada, adornada de painéis esculpidos em relêvo, panóplias de armas raras, grandes jârras de faiança chineza e moveis de carvalho, uma antiga cáthedra do côro de uma egreja de Minas, cinzelada por ignôto artista e uma arca de sândalo que procedia da India, transportada para o Brazil na bagagem dos descobridores. Nas ontras salas, o gabinete de fumar, o salão de recepção, de jantar, os aposentos do andar superior, quarto de leito, sala de trabalho e bibliothéca, havia a mesma ornaentação, sóbria, sem decaír do traço artistico, da marca de apurado gôsto do intellectual, que, pacientemente, colhendo aqui e acolá, com segúra escôlha de entendedor, accumulára, sem excêso, sem estardalháço, thezoiros de elegancia e de confôrto. E tudo um aceio impeccavel, um carinho de trato, como se a mimosa casinha não houvesse permanecido tanto tempo em abandono. Estava tudo perfeito, sem a rigidez de premeditada arrumação, uma ordem espontanea, sem resquicio de artificio, tal como o prodigioso instincto da Hortencia concebêra o interior da vivenda de um homem culto.

(Continúa).

A LIVRARIA

CYMBALOS — FRANCO VAZ — COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL — RIO DE JANEIRO

O constante cuidado que teve de evitar os versos frouxos, é o que levou o poeta dos *Cymbalos* á orgulhosa

exigencia do *Roteiro* da primeira pagina do livro :

Quero o verso opulento, o verso retumbante,
De inabalavel estrutura...

O seu orgulho é razoavel. As suas estróphes são impeccaveis, tratadas, ás vezes, com um requinte de—como diremos? — compressão moléculardas syllabas, levada á tortura chineza dos sapatinhos de ferro...

Nos versos :

« Seja a ancía a da Verdade, o triumpho é o da Mentira... »

« O Odio rúge, o Odio clama, o Odio vence, o Odio impéra... »

E a alva cohórte triumphal das estrellas esplende... »

parece que o habil versêjador, em vez de evitar as difficuldades syllabicas, procurou-as, afim de nos deslumbrar com a sua versificação de ferro, que retórce, ageita, esmága as palavras, dentro da jaula do alexandrino ; pois ninguem dirá que são de fácil leitúra as palavras « triumpho » e « cohórte triumphal », contadas como exige o méτρο.

A preocupação do verso forte é uma influencia de Felix Pacheco, que nos mette invêja a todos, com os seus alexandrinos bronzeos... Mas, essa tendencia é salutar, pois o amor que profêssam os poetas nóveis para com a fórma, e o culto mais cuidadoso da lingua, levarão pouco a pouco a nossa poesia, na falta de inspiração e perfeita originalidade, a um repositório excellent da bôa linguagem portugueza.

As poesias contidas nos *Cymbalos* são poucas, — não podemos dar o numero aproximado dellas, por falta de um indice, que nos abreviaria a contagem. Essa ausencia de indice será um esquecimento, ou uma originalidade?

São poucas ; mas, todas de leitúra fácil e agradavel. Não que haja nellas grande emoção e novidade --- são destes versos bem feitos que estamos acostumados a ler aos centos, nos poetas brasileiros—mas contêem tanta sonoridade harmoniosa, que nos fazem deslembrar todo o destino espiritual da poesia, para só pensar na probabilidade que teria um artista talentoso como o sr. Franco Vaz, de ser um excellent compositor musical.

*
* *

CALVARIO — MENDES MARTINS — IMPRENSA INDUSTRIAL — RECIFE

pense melhor que nesse ou naquelle Estado.

O que é indiscutível é que existe uma differença palpavel, apreciavel á primeira leitúra, entre as producções de um poeta estranho a este meio cariôca, e a dos que já respiraram alguns annos a poeira da rua do Ouvidor. A comparação é favoravel aos moços provincianos, cuja feliz ingenuidade, cuja deliciosa fé nos idéaes e nas tradições da Poesia, os tórna, mesmo os medióces, infinitamente mais sympathicos e supportaveis que os versêjadores cheios de orgúlho nephelibáta, incensadores do seu Eu, os quaes, quando se lhes não descobre talento, se tórnam extremamente ridiculos.

O contráste entre o auctor dos *Cymbalos* e o auctor do *Calvario*, sérve de exemplo. Aquelle é um civilizado, um ardente lapidário da fórma, não deixa a Musa ruflar, á vontade, as azas, pois córre o perigo de vêr desmantelladas as suas rimas... O sr. Mendes Martins é profúso, copioso, variado, tenta todas as fáces do seu éstro, é lyrico, é philosophico, é patriotico, aquêce-se aos brazídos da *Officina Litteraria Martins Junior*, e orgúlha-se de ter uma Musa plebéa e... muláta.

No meio das suas duzentas paginas de versos sincéros, mas medióces, de imagens, algumas graciosas, a maior parte banaes, existe um certo enthusiasmo juvenil, uma visivel bôa intenção de se inspirar nos aspectos nobres da Vida, dando em resultado a creação dos alexandrinos *Tentação*, que encérram reaes bellêzas e sentimento muito puro, e, entre alguns outros, o seguinte sonêto, ternamente concebido :

O OLHAR

Pelo olhar eu conheço o que padêce,
O que a mágua sem trégua dilacêra.
O que á vida detêsta e se aborrêce,
Da vida, embóra, em plena primavêra.

O que anda pelo mundo da chimêra,
E o sol da crença, do infinito, aquêce.
O que não cança de esperar e, á espera,
Do desalento a noite não conhêce.

Olhos—alguem já disse—espêlhos d'alma!...
Pelo olhar eu conheço os que têm calma,
E os que immérgem da vida no escarcêo.

Os venturosos vão olhando a êsmo,
O indifferente, esse olha p'ra si mesmo,
E os desgraçados... olham para o céo.

*
* *

GUIMARAENS PASSOS — DICCIONARIO DE RIMAS --- FRANCISCO ALVES — EDITOR

Ninguem mais apto que o brilhante poeta Guimaraens Passos, para essa obra, com rara opportunidade emprehendida e intelligentemente realisada, de um novo Diccionario de rimas da lingua portugueza.

A sua competencia provém da ha-

bilidade do versêjador correcto, que com maestria resolve todos os pequeninos e torturantes problemas da métrica e da rima, e que, na tarefa árdua da compilação de um repositório desse genero, soube dar uma certa nota de bom gosto á escolha das rimas exóticas, e trazer uma novidade lexicologica que deve causar orgulho aos nacionalistas, --- os nomes geographicos e os substantivos communs da lingua geral parcimoniosamente, discretamente collegidos.

A oportunidade desse livro é óbvia. Os milhares de velhos poetas, poetas maduros e poetas novissimos que proliferam por este vasto torrão patrio, numa extraordinaria progressão crescente, havia muito sentiam a falta de um guia menos sedição que o bom Castilhos, afim de penetrarem --- pacientes garimpeiros — ás grotas onde se escondem os diamantes das rimas...

Comtudo, Deus permitta que um livro, feito com tão louváveis intenções, nos não traga uma calamidade de espécie nova — o crescimento demaziado rapido dessa raça, tão malfadada e tão sympatica dos poetas; não que o facto possa fazer perigar o cultivo das batatas, pela diminuição do numero dos que podiam estar a plantal-as, como disse, pittorêscamente, a outro proposito, o velho João Brigido, e sim pela probabilidade de vêrmos, neste paiz inimigo das artes, as ruas e os hospitaes povoados de mais alguns milhares de melancolicos ociosos.

A rapida inspecção feita através das paginas do Dictionario, nos permite attestar o cuidado minucioso com que o distincto poeta concatenou e reviu o seu trabalho, e affirmar que o mesmo é completo, o mais completo no genero.

Respigando aqui e alli, podemos, entretanto, perceber fálhas ligeirissimas, como a ausencia de *Volga*, nas rimas em *olga*, e de *Algeria*, ou *Argeia* (como quer o sr. Candido de Figueiredo) no logar onde podia caber. Tambem achamos excusadas as rimas em *enito* (congenito, etc.), todas com a mesma desinencia, e que só por um poeta de máu gosto podem ser usadas.

A casa Alves podia têr imprêso, em vêz de uma edição barata, no estylo das suas edições escolares, com péssimo papel, cousa mais elegante, mais digna de ser guardada pelos bons bibliophilos.

L. B.

SCIENCIA E INDUSTRIA

FEBRE TYPHOIDE

O dr. Guiart, aggregado da Faculdade de Medicina de Pariz, accúsa de collaboração nefasta com o bacillo de Eberth, o tricocéphalo, um bello verme intestinal, que poderia servir de

modelo a um bróche *art nouveau*.

A medicina de outros tempos attribua á presença de vermes intestinaes, grande numero de perturbações mórbidas, que não podia explicar. O reinado dos micróbios depôz os vermes, que ficaram muito por baixo, e agora vólvem á baila depois da descoberta do anquilóstomo nos intestinos dos mineiros perfuradores do tunel de S. Gortardo. Esse vermesinho, em fórma de gancho, adquiriu, rapidamente, grande notoriédade: é o terror dos mineiros na Belgica e na Westphalia. Veio, depois, a vez do tricocéphalo que o dr. Metchnikoff tornou célebre constituindo-o verme do appendice. O dr. Julien Guiart, finalmente, lhe consigna um grande papel na etiologia da febre typhóide, tendo o professor Raphael Blanchard feito, sobre os seus exames e conclusões, uma communicação á Academia de Medicina.

O dr. Guiartestúda, ha muitos annos, a acção dos parasitas intestinaes do homem, tendo, desde 1899, considerado os helminthas extremamente perigosos, que agem como lancetas de inoculação fazendo penetrar, na mucosa do intestino, micróbios, sem a presença daquelles, inoffensivos. O verme abriaria, assim, caminho aos bacillos. O intestino é impenetravel, blindado pelo seu epithélium; os bacillos não se podem desenvolver sinão na sua superficie; mas, desde que um verme perfúra o tecido, o bacillo o inváde.

No tempo em que se cuidava de vermes, desde 1762, Roderer e Wagler se referiram a uma epidemia de febre typhóide, attribuida, precisamente, ao grande numero de vermes, tricocéphalos — descobertos pela autópsia nos intestinos. Em 1807 Pinel indicou, como suspeitos, os vermes intestinaes nas febres mucósas; Raspail tambem affirmou que a palavra — febre typhóide deve ser considerada synonymo de pululação do tricocéphalos nos intestinos. Davaine, finalmente, notou a grande abundancia delles, naquella molestia, facto muito significativo, porque este professional negava a função infecciosa aos vermes intestinaes, e apoiava o triumpho das actuaes theorias bacterianas. O dr. Guiart, recordando esses pormenóres, tornou-se partidário convencido do papel primórdial dos tricocéphalos na etiologia da febre typhóide.

«Não diremos --- escreve elle --- que essa febre tenha por agente o tricocéphalo, pois não recusaremos ao bacillo de Eberth a sua acção específica; mas, acreditamos, firmemente, que sómente um individuo de intestinos libertados de vermes pôde ingerir, impunemente, agua contaminada pelo terrivel bacillo; a qual chegando aos intestinos cheios de tricocéphalos, estes para sugarem o sangue de que se nütrem perfúram com a sua extremidade anterior a mu-

cósa intestinal, inoculam, ao mesmo tempo, bacillos e fazem explodir a infecção. Dahi, se conclúe por que em uma população, bebendo a mesma agua contaminada, poucos individuos são atacados; isto é, aquelles que hospedam vermes intestinaes, especialmente tricocéphalos. De resto, o bacillo não penetraria no intestino, si lhe não abrissem a porta.»

Sendo o tricocéphalo o verme intestinal mais vulgarizado, a elle se deve attribuir a infecção do intestino. Mas, como é possível admittir que esse verme, vivendo no intestino tão rico de micróbios, possa romper, impunemente, os vasos, quando se sabe que uma simples picada de agúlha abre a porta ás bacterias pyogêneas, que a picada de uma púlga pôde inocular a peste, a do mosquito o paludismo, a filarióse ou a febre amarella?

Poder-se-ia objéctar que as lesões da febre typhóide se dão particularmente ao nivel do intestino delgado, ao passo que o tricocéphalo habita a parte inferior do grosso intestino, ao lado do cócum; mas, desde as experiencias de Davaine, se sabe que o ovo embryonado se abre no estomago, de sorte que as primeiras phases da vida livre se devem passar no estomago. Além disso, Wrisberg viu tricocéphalos no duodeno, na faina de furar o tecido; e, portanto, deve elle ser o introductor do bacillo de Eberth.

Estando em Brest, no principio da ultima epidemia de febre typhóide, o dr. Guiart examinou doze doentes; em dez encontrou, facilmente, ovos de tricocéphalo; num que morreu, encontrou, na autópsia, seis tricocéphalos vivos; o ultimo não foi examinado.

Em todo o caso, não será excessivo repetir as experiencias, porque se deve sempre desconfiar das coincidencias, si bem que parêça bastante averiguado que a molestia é o resultado de dois factores — a picada do tricocéphalo e a inoculação do bacillo de Eberth.

O professor Blanchard accentuou, como de alta importancia, a observação do dr. Guiart. Si, na verdade, o agente etiológico inicial da febre typhóide, é o tricocéphalo, deve ser logo atacado. Os medicos respeitam, sempre com o maior cuidado, o intestino: mas, em presença de uma enterite febril qualquer, se deve applicar o tratamento antihelmitico pelo thymól para expulsar os vermes e os micróbios.

*
* *

A CURA DO CANCRO

Esta secção noticiou a descoberta do *micrococcus neoformans*, descoberto pelo dr. Doyen, e entregue a commissões de estudos, entre ellas uma de professores do Instituto Pasteur, dirigida pelo sabio Metchnikoff, em consequencia da contestação formal opposta por illustres cirurgiões.

As conclusões scientificas respeito a esse interessante assumpto, dependiam de estudos, que podemos agóra transmittir aos nossos leitores. E não poderíamos fazel-o de modo mais completo do que traduzindo a carta de Metchnikoff e o parecer da commissão de medicos.

NOTA SOBRE AS INVESTIGAÇÕES MICROBIOLOGICAS PRATICADAS EM CASOS DE CANCRO

I

Em divérsas séries de tubo, nos quaes o dr. Doyen introduzira, em minha presença, fragmentos de cancos operados por elle, obtive cultúras puras de um micróbio, identico ao descripto por aquelle cirurgião, sob o nome de—*Micrococcus Neoformans*. Em um caso, os tubos ficaram estéreis, mas em varios outrós produziram cultúras, na maior párté do micróbio de Doyen, ao passo que, em alguns, as cultúras eram constituídas por um stréptocócó, o bacillo pyocyanico e alguns outros micróbios.

Sobre trez casos operados pelo dr. Doyen, insistirei sobre trez cancos do seio, operados no mesmo dia. Dois delles, fechados, isto é, não ulcerados, deram cultúras do referido micróbio, ao passo que, em um terceiro caso, um cancro muito volumoso e muito ulcerado, apenas deu cultúras do bacillo pyocyanico e de um stréptocócó. Esses ultimos micróbios, assim como o de Doyen, dos outros casos de cancro, se reproduziram em tubos de caldo, semeado com o proprio tumor e ganglios adjacentes.

Fóra da clinica do dr. Doyen, estudei, de collaboração com os drs. Lavadite Veinberg, divérsos outros casos de cancro: dois não ulcerados, um caso dos dois ovários com generalisação no epiplon deu igualmente cultúras puras do micróbio Doyen.

Todas as precauções necessarias fôram tomadas para assegurarmos a esterilidade dos meios de cultura e o isolamento dos fragmentos de tumôres introduzidos nos tubos.

II

Nas cultúras do micróbio Doyen, observámos todos os caractéres descriptos por elle a proposito do *micrococcus neoformans*; mas, a questão da acção especifica desse micróbio não foi definitivamente resolvida: é um problema muito difficil, porque as espécies bacterianas são, em geral, muito delimitadas. E' util, por exemplo, applicar, para distinguil-as, método aperfeiçoado, taes como a agglutinabilidade dos micróbios por meio de séruns especificos. Estamos em via de preparar esses séruns, cujos resultados só poderão ser obtidos em dois ou trez mezes.

Pelo aspecto das cultúras do *micrococcus neoformans*, apresenta este uma grande analogia com as do *coccus polymorpho* da pelle, mas o exame das cultúras sobre gelóse accúsa certa differença entre elles.

III

O estudo da acção pathogenica do micróbio Doyen sobre animaes, demanda muito mais tempo do que o que tivemos.

IV

O meu papel de bacteriólogista se limita aos trez primeiros parágraphos desta nota; porque os meus conhecimentos microbiológicos não me auctorisam, absolutamente, a abordar o lado clinico, tanto mais quanto não sou cirurgião nem mesmo médico. Não tenho, portanto, competencia para emittir um juizo; mas, pelo que púde examinar divérsas vezes, durante as minhas investigações bacteriológicas, durante dois mezes, em numerosos doentes da clinica do dr. Doyen, tive a impressão de que muitos, atacados de cancos graves, melhoraram com as injeções do mesmo cirurgião.

Elie Metchnikoff.

A commissão médica, por outro lado, concluiu um longo documento, relatando seus divérsos trabalhos e observações, nos termos seguintes:

«As conclusões desta primeira série de experiencias, confirmadas por investigações feitas no Instituto Pasteur, por mr. Metchnikoff, e pelo exame dos doentes submettidos á commissão médica, são as seguintes:

1º O *micrococcus neoformans*, como o descreveu Doyen, foi encontrado, com todos os seus caractéres, nos cancos ascépticos de divérsa procedencia. A presença habitual desse micróbio, nos tumôres cancerosos, é um facto incontestavel;

2º O tratamento anti-canceroso, praticado por Doyen, determina, habitualmente, em duas ou trez semanas, nos néoplasmas malignos, modificações favoraveis, susceptiveis de lhes reduzir o volume, de mobilisal-o, de tornar operaveis tumôres, que não poderiam sel-o antes do principio do tratamento.

Os pontos concernentes á especificidade do *micrococcus neoformans* e sua acção pathogenica estão ainda em estudos, que demandam muitos mezes, talvez annos para serem completos e efficazes, porque as experiencias sobre animaes são muito prolongadas.

Quanto á cura definitiva de um certo numero de casos, tratados por Doyen, ella parece já demonstrada, clinicamente, pelos primeiros casos tratados, ha dois ou trez annos e, num delles, quasi quatro annos; não será, todavia,

provada, scientificamente, sinão pela ulterior observação dos casos tratados, que deverão ser acompanhados durante muitos annos.

Doutores:
Gallois
Blondel
Jean
Steuber

Depois da leitura desses relatórios, bacteriológico e clinico, o dr. Doyen apresentou á Sociedade de Cirurgia, oito doentes, uns em tratamento e outros antes d'elle. A Sociedade nomeou uma commissão composta de mrs. Berger, Kirmisson, Nélaton, Delbert, Charles Manod, para estudar o tratamento do cancro pelo método Doyen.

* *

AGUA OXIGENADA

Mr. Albert Robim apresentou á Academia de Medicina de Pariz uma nota do mr. Jaubert sobre o perborato de sódio, nova substancia quimicamente definida, que corresponde a uma combinação de borax com agua oxigenada. Por simples dissolução n'agua, elle produz um liquido com todas as propriedades d'agua oxigenada e, ao mesmo tempo, as do borato de sódá: sendo de algum modo, o antiséptico idéal, que o dr. Miquel, chefe do laboratorio bacteriológico da cidade de Pariz, considera superior ao proprio sublimado.

O perborato de sódá, denominado, tambem, *pó d'agua oxigenada* púde ser empregado no estado de solução em agua fervida para lavagens e compréssas antisépticas, ou directamente, em pó no curativo de feridas.

* *

NOVO MÉTHODO DE OPERAR O STRABISMO

O dr. Landolt apresentou, na mesma sessão, um novo método operatório do strabismo.

Sabe que a operação, habitualmente praticada, consiste na secção dos tendões de certos músculos oculares; mas acontece algumas vezes, que o strabismo *divergente* é apenas corrigido, de modo imperfeito, e que um strabismo *convergente* se transfórma em strabismo *divergente* muito feio.

O dr. Landolt substituiu esse método por outro mais efficáz. Os músculos são fortificados em vez de enfraquecidos; augmentam-se, em vez de diminuir, as excursões dos olhos, evitando o risco da substituição de uma do strabismo por outra invérsa e, nos casos muito graves, em que a secção do músculo parece justificada, elle preconisa um processo novo que permite estender o músculo, conservando-lhe o ponto de ligação, de sorte que, assim operado, sua acção se approxima muito mais da normal.

SOB AS ARVORES

Eu vi no seu olhar um vago sentimento,
Uma cousa idéal, assim como um lamento,

E púz-me a meditar, á sombra da avenida,
Naquelle estranho olhar, naquella luz querida:

«Porque será, meu Deus?... Si o amor é um perfúme,
Um bálsamo do Céu, um sempitérno lume,

«Que dos mundos sustém a vivida harmonia,
E liga o sêr ao sêr, e prende a noite ao dia;

«Si o amor deve ser o cingulo sagrado,¹⁷
Unindo, num só feixe, esse poema iriado

«Das nossas illusões, para as fazer brilhar
Numa dôce isenção de luz crepuscular;

«Si elle é a grande lei etérna, universal,
Que vem da estrella á flôr, desce do monte ao vâl,

«E váe da terra ao céo; si elle é, como inda penso,
O intimo fremir da criação, o immenso

«Alçaçar, onde o deus ignóto se repousa,
Etérno a se rever nessa amplidão formosa;

«Si o amor é tudo isto e tudo mais ainda
Que ha de grande e de bom na immensidade infínida;

«Si elle faz rebentar do ventre da matéria
As explosões da vida, e na amplidão sidérea,

«Presas á mesma lei, as fitas constellares
Rolarem no infinito aos centos, aos milhares;

«Si é o poderoso amor a grande alma do mundo,
Delicado e fatal, abrasador, profundo;

«— Porque faz esta flôr, assim, tão triste, esquiva,
Como se lhe faltásse aquella fonte viva,

«Donde mana a torrente plácida e suáve
Dos puros idéaes? Porque será que esta ave,

«Em vez de rebrilhar numa ária apaixonada,
Como canta a calhandra, á luz da madrugada,

«Põe-se triste, na sombra, o olhar perdido além
No cerrado do bosque, a sós, bem como quem

«Assiste ao perpassar de indecisas chiméras,
Ou evóca as visões de outras perdidas éras?...

Porque?...»

E púz-me a pensar naquella luz querida,
Emquanto ella sentou-se ao fundo da avenida...

ENSINO OBRIGATORIO (*)

SUA APLICAÇÃO EM DIFFERENTES PAIZES
E SUA NECESSIDADE ENTRE NÓS

Para melhor illustrar, nesse ponto, nosso estudo e fornecer alguns esclarecimentos relativos ao assumpto, não podemos deixar de recorrer ao excellent trabalho de Estatística do ensino primario do Districto Federal, elaborado em 1897, pelo dr. Aureliano Portugal, trabalho paciente e meticoloso, preenchendo, em bôa hora, uma sensível lacúna, porque até então, esse importante ramo da estatística — do ensino publico — havia sido inteiramente descurado.

Fica-se sabendo, por aquelle estudo, que em 1897 existiam, em todo o Districto Federal, 250 escolas primarias, das quaes eram 154 escolas officiaes, sendo 58 para o sexo masculino e 96 femininas ou mixtas (com meninos até 10 annos de idade); 44 subsidiadas, masculinas e mixtas; e 52 subvencionadas. A matricula maxima nessas escolas, foi de 20.908 em julho e 15.261 em abril, ou seja, na média para todo o anno, de 19.067

Embóra uma rapida analyse desses algarismos, baste para dar idéa da deficiencia do ensino no Districto Federal, impórta estabelecer uma relação entre aquella cifra e a da população escolar, isto é, fazer um simples confronto entre o numero de alumnos que se matricularam nas escolas e o numero daquelles que, pela sua idade e pela necessidade de se instruirem, *deviam ter se matriculado*.

Existiam, em 1897, no Districto Federal 106.390 creanças de 7 a 15 annos, das quaes pertenciam 55.351 ao sexo masculino, e 51.039 ao feminino.

O dr. Aureliano Portugal estabelece a comparação entre o algarismo relativo á matricula e á população escolar, por meio dos seguintes calculos, que evidenciam ser inferior a 20 % a matricula de creanças de idade escolar em todo o Districto, isto é, menos da quinta parte daquillo que devia ser!

Eis os calculos:

Sexo mas.. $9.041 \times 1.000 \div 55.351 = 163,34$
fem.. $10.026 \times 1.000 \div 51.039 = 196,39$
Dois sexo. $19.067 \times 1.000 \div 106.390 = 179,21$

O auctor dessa estatística accrescenta que, ainda considerando a hypóthese optimista de haver equal numero de matriculados nas escolas primarias particulares (algumas já incluídas naquelles calculos por serem subvencionadas) bem como internatos e externatos de instrucção secundaria, «o coéfficiente da matricula escolar não attingirá a 400 por 1.000 ou 40 %; portanto, *mais da metade dos futuros cidadãos da Republica, entrará na vida civil sem o menor gráu de instrucção —intei-*

ramente *analphabetos*». (Os gryphos são nossos).

Mas, não é tudo.

Procedendo-se a novas investigações e organisando-se novas operações de estatística, chega-se á certeza de que a frequencia escolar não attingiu, em 1897, a 600 por mil, isto é, entre os menores mesmo matriculados na escola, pouco mais da metade frequentou-a o que quer dizer: pouco mais da metade conseguiu aproveitar os beneficios outorgados pelo ensino.

« Este phenomeno — diz o dr. Aureliano, muito justamente impressionado, — cuja gravidade não precisamos encarecer e nem devemos encobrir, está exigindo providencias energicas, capazes de modificá-lo.

Uma lei de instrucção obrigatoria, que seja exequivel, providencias policiaes que reprimam a vadiagem e a vagabundagem dos menores, a nosso ver, não só augmentariam muito a matricula como, especialmente, a frequencia escolar.

Isto para o Districto Federal sómente. Que dizer em relação ao Brazil inteiro, a todo esse vasto territorio que constitúe o nosso paiz ?

Infelizmente, escassêam-nos dados estatísticos que nos habilitem a julgar com precisão nesse sentido. Não existindo o censo para o ensino geral em toda a nação, e estando este a cargo das administrações locais, em virtude da autonomia dos Estados, estabelecida em nossa carta fundamental, é difficil, senão impossivel, pela ausencia de dados a respeito, chegar a um resultado exacto e definitivo.

Quem, porém, reflectir sobre o assumpto, concluirá facilmente que se são más as condições do Districto Federal, em materia de ensino primario, applicado ao interior da nossa patria deve aquelle qualificativo attingir ao gráu superlativo !

Para só fallar em trez estados, faremos aqui ligeiras referencias á materia, em sua relação com os mesmos.

Na mensagem dirigida em 7 de setembro de 1904, ao Congresso Legislativo do Pará, pelo respectivo governador, dr. Augusto Montenegro, salientava este que «trez faces precisam ser consideradas ao estudar a espinhosa questão do ensino primario, além de sua propria organisação: a) o professorado; b) do programma de ensino; c) a inspecção»; e expúnha os vários melhoramentos introduzidos, em sua administração, nesse ramo do serviço publico, entre os quaes avulta o augmento dos grupos escolares do Estado «que encerram, no dizer do sr. dr. Montenegro, — todas as esperanças de engrandecimento do ensino publico entre nós», augmento que consistiu na elevação de 1 para 6 na capital, e de 7 para 17 no interior.

A matricula nas escolas primarias,

em todo o Estado, attingiu a 14.843 alumnos, assim distribuidos: 3.132 nos 6 grupos da capital; 843 nas 16 escolas isoladas, existentes no perimetro urbano; 715 nos grupos do Mosqueiro Pinheiro e Castanhal, no interior do municipio da capital; 455 nas 16 escolas isoladas do interior do municipio da capital; 2.744 nos 12 grupos que funcionam nos municipios do interior do Estado, e 6.954 em 212 escolas isoladas, que o Estado possúe.

Na mensagem que o sr. dr. Pedro Borges dirigiu, em 1 de julho, tambem de 1904, á Assembléa legislativa do Estado do Ceará, de que era presidente, encontra-se, antes de outras considerações, o seguinte trecho, que não nos furtamos ao desejo de reproduzir:

«Se alguns serviços de maior monta me fôra permittido prestar á causa da instrucção, seria tentar uma nóva réforma, no intuito de associar-lhe a fundação de algumas escolas praticas de agricultura e artes mecanicas, habilitando os alumnos, desde a infancia, a conhecer experimentalmente a vida e as necessidades agricolas, as profissões technicas nas suas modalidades essenciaes, para, por meio de um trabalho honesto, entrarem na lucta pela vida e obtêrem os meios de subsistencia, sem essa preocupação obsedante de consumir seus dias e seus esforços na esterilidade dos empregos publicos.

Ha um seculo quasi, Dupin *ainé* proferia no comicio de Chamecy, estes conceitos dignos de todo o applauso, em qualquer oportunidade: — «Todas as quintas-feiras leve o professor os alumnos ao campo, faça-os palpar e conhecer as differentes naturezas de sólos, argilosos, calcáreos, silicosos, graniticos, em uma palavra, todas as espécies que existem no paiz; explique-lhes por que razão tal terra, muito compácta, tem necessidade de ser dividida, e tal outra, muito léve, deverá receber substancias capazes de adubá-la e dar-lhe mais consistencia; por que razão tambem a cal muda a natureza das terras graniticas, lhes traz o elemento que lhes falta e, em lugar de cevada, lhes permite produzir trigo.

Ha um lavrador na vizinhança, ha uma charrúa *Dombasle*; vá á escola vê-la trabalhar e faça o mestre notar aos alumnos o que constitúe um bom amanho, a profundeza e regularidade dos sulcos. Siga, com elles, as divérsas operações agricolas.

Quando a primavera volver, virá outra vez ao campo, com seu rancho, para fazer a sementeira. O mestre explicará aos meninos porque vingam pequenas sementeiras ou plantas mondados nos sitios que, no anno anterior, produziram trigo: é a theoria dos afólhamentos.

Maistarde, irá ver a ceifa, as mondas, o enfeixamento, divertir-se-á em ver

trabalharem os ceifadores e as machinas de debúlhar.

Ouso afirmar que, em 20 lições assim dadas no theatro de observação, os dicipulos aprenderão muito mais do que lendo todas as brochúras em que certas pessoas, sábias demais para meninos, fallam só de azoto, oxigeno, ammoniaco e outras substancias, das quaes ellas decompõem os elementos e dão a fórmula com o soccôrro da Algebra.

Bella sciencia, na verdade! mas scieacia perdida para o commum dos mortaes, e que cumpre reservar para um ensino mais alto do que este, cujo método, todo elementar, aconselho aqui. Será deste modo que a mocidade deverá aprender, conhecer e estimar os trabalhos do campo, e nelles achar prazer em instruir-se, divertindo-se, porque nessa idade aprende-se melhor pelos olhos do que pelos ouvidos; gosta-se mais de ver que de ouvir.

Nesses delineamentos, está traçado, com pulso firme, o ensino agricola e o das artes mecanicas, associadas de modo pratico á instrucção publica. Seria, portanto, de indiscutivel vantagem e utilidade inicial-o no Estado, — idéa fecunda a produzir benéficos fructos.»

Existem actualmente no Ceará, 246 escolas publicas, assim distribuidas: na capital 21; nas cidades, 75; nas villas, 82; nas povoações e nos arraiaes, 68. Essas escolas fôram, em 1903, frequentadas por 8.433 alumnos, tendo a matricula attingido a 11.091.

O governador do Estado do Amazonas, coronel dr. Sylverio Nery, váe mais longe, reconhecendo, como atrás reconhecemos tambem, a necessidade inadiavel da obrigatoriedade da instrucção e propondo a sua applicação naquelle Estado: «Será conveniente, entendo, que, cogitando do assumpto, por demais digno do nosso estudo, legislassem, de módo a tornar obrigatoria a educação dos menores, nas escolas, infligindo penas aos que, sendo responsaveis por elles, se eximissem a entregal-os á vida escolar.»

Nessa mesma péça, assignala o dr. Sylverio Nery «que a frequencia nas escolas do interior váe em assombrosa proporção decrescente, de que resultá um lamentavel augmento da população analphabéta.»

De tudo quanto, concisamente em-bôra, acabamos de explanar, resultá de maneira positiva, a necessidade inadiavel de instituir-se em todo o Brazil, principalmente no Districto Federal, o ensino obrigatorio, instituição que, se se quizer chegar a tempo de remediar grandes males, não deve tardar nem mais um anno — que dizemos nós?! — não deve demorar nem um só dia.

Dado esse primeiro e gigantêsco passo, o Brazil entrará, sem duvida alguma, em uma nova éra promissôra,

em uma phase social de franca regeneração; e para completar a obra iniciada, para corôal-a superiormente, reconhecendo, como terá de reconhecer, que a instrução, principalmente apenas a primaria, não podendo, por si só, constituir elemento sufficiente de educação dum povo e menos ainda da facção mais rudimentar e mais grosseira desse povo, daquella que cêdo se transvía, deverá crear, sem perda de tempo, estabelecimentos especiaes, escolas de refôrma, escolas preventivas, industriaes, profissionaes, agrícolas,—todas essas importantes instituições, cujo proveito já está consagrado definitivamente entre as nações mais cultas, cujos resultados, como verdadeiros sanatórios para a delinquencia prematura, já estão demonstrados, de modo a não ser mais preciso discutil-os.

E' das organizações administrativas dos differentes paizes, que dizem de perto com a matéria das suas legislações e da constituição de vários daquelles institutos, alguns delles esplendidos, que nos vamos occupar dentro em pouco.

Antes, porém, de fazel-o, respigaremos em tôrno destes importantes pontos da questão: a) a efficácia que pôde ter uma educação bem administrada, tanto sobre aquelles em quem a instrução não extinguiu as más tendências, como sobre aquelles em tôrno dos quaes ella não chegou a diffundir a sua luz; b) a pêrda do poder paterno, como indispensavel antecedente para que o Estado possa exercer, sem peias, a sua acção, e tenha a liberdade, por certo muito nobre, de poder fechar as portas da perdição aos que querem, á viva força, transpôr os seus umbráes ou que são para os mesmos conduzidos exactamente por aquelles que lhes deviam energicamente embargar os passos: c) o discernimento dos menores em face do Código nosso e dos Codigos estrangeiros e a sua collocação em familia para serem educados.

FRANCO VAZ

(*) Vide, sobre o mesmo assumpto, os ns. 13 e 16 desta revista, de 5 e 26 do corrente, onde sahiram publicadas a 1.^a e a 2.^a parte deste trecho dum estudo sobre *A Infancia Abandonada*, em elaboração, por incumbencia do sr. ministro da Justiça.

Projecto da Reforma Monetaria no Brazil

Depois de uma exposição documentada das consequencias economicas e financeiras da alta e baixa do cambio, assim como dos resultados da politica adoptada pelo governo Campos Salles, mr. Théry, termina o capitulo III, sob o titulo—*Necessidade de fixar o padrão*

monetario—com as seguintes conclusões:

E' preciso, agóra, sem pêrda de tempo, consolidar aquelles felizes resultados, regularizando o regimen monetario brasileiro, dando estabilidade ao valôr em ouro da unidade mil reis, a uma taxa que, sendo a expressão mais approximada da verdadeira situação economica e financeira do paiz, dê, na medida do possivel, satisfação a todos os interésses actuáes, que — deve-se lealmente reconhecer—são de algum modo contradictórios.

O interésses dos productores indigenas, exportadores de seus productos para o estrangeiro, especialmente os agricultores de café, exige que seja baixa a taxa da estabilisação. De facto, verificamos, estudando a influencia do cambio sobre o preço do café, que a baixa do mil reis tinha, ao principio, servido áquelles interésses e, por isso, desenvolvido consideravelmente a producção. Na mensagem de maio de 1903, o presidente dr. Rodrigues Alves, fiél continuador da politica economica financeira inaugurada pelo seu antecessor, dá disso testemunho, affirmando:

«A crise agrícola provocada pelo excêssos da producção do café, que *quadruplicou em doze annos*, passando de quatro a quinze milhões de saccos, causou grande prejuizo a diversos Estados. *A alta do cambio, coincidindo com a baixa dessse genero, aggravou a situação dos productores.*»

«Estes, felizmente, se organisam em syndicátos agrícolas para defenderem seus interésses e o Banco da Republica lhes presta, na medida de suas forças, precioso concúrso, para desenvolver o crédito quasi nullo.»

Com effeito, em 1903, o quintal de café (100 kilos) se vendêra, na média, a 74 fr. no Havre, ou, deduzindo 20 % de despesas divérsas, cêrca da 59 fr. 20 a receber pelo Brazil, e o cúrso do cambio, naquelle anno, de 12 d. 09, 1 fr. 269, cada quintal de café constituiu para a producção brasileira uma entrada de:

$$\frac{5920}{1269} = 46 \text{ mil réis } 69$$

Se a taxa do cambio tivesse subido a 14 d. ou 1 fr. 47 ficando o mesmo o preço do café: cada quintal não teria valido para o Brazil senão:

$$\frac{5920}{147} = 47 \text{ mil réis } 27$$

um preço de ruina para os agricultores.

Ao contrario, com um cambio de 10 d., o valôr no Brazil, do mesmo quintal, vendido pelo mesmo preço, no mercado da Havre, teria dado:

$$\frac{5920}{105} = 56 \text{ mil réis } 38$$

O que aconteçe com o café se dá,

egualmente, com a borracha, o cacáu, o algodão, o tabáco, o mätte, as pêlles, o manganez, etc.; de sorte que os 744.705 contos de productos brasileiros, exportados em 1903, não representariam, apenas, com os mesmos preços de venda no estrangeiro, mas com um cambio de 14 d. por mil réis:

$$\frac{74.705 \times 12}{14} = 638.318 \text{ contos}$$

A mesma desvalorisação se applicaria, naturalmente, aos 498.954 contos de mercadorias estrangeiras importadas para o Brazil em 1903; as quaes, ao cambio de 14 d., teriam custado aos consumidores:

$$\frac{498.954 \times 19}{14} = 427.674 \text{ contos}$$

Os consumidores de productos estrangeiros teriam, assim, poupado 71.28 contos, perdendo os productores indigenas—106.387 contos.

Se applicarmos o mesmo cálculo ao serviço da divida federal em ouro, verificaremos que, com um cambio de 12 d., os juros della cústam, annualmente, ao thezouro brasileiro, 61.497 contos.

Ao cambio de 14 d., esta somma se reduziria a:

$$\frac{61.497 \times 12}{14} = 52.712 \text{ contos.}$$

Ao contrario, com um cambio de 10 d., ella se elevaria a

$$\frac{61.497 \times 12}{10} = 73.796 \text{ contos.}$$

Esses algarismos provam que os interésses actuáes são contradictórios, e que não é possivel satisfazer uns sem prejudicar outros.

* *

Essa difficuldade demonstra, em todos os casos, a gravidade da questão e a necessidade absoluta de resolvel-a, fixando definitivamente o novo valôr do padrão monetario brasileiro.

Desde o começo do anno de 1901, o cambio brasileiro oscilla em tôrno de 12 d., e pôde-se affirmar que o complexo de interésses economico e financeiro do paiz se assimilou de algum modo a essa taxa média de 1901 a 1904.

Poder-se-ia, evidentemente, eleva-la a 14 d., e acima: bastaria retirar da circulação uns cincoenta mil contos de papel-moêda; assim seria possivel baixal-a a 10 d., lançando na circulação cincoenta mil contos de notas do Estado. No primeiro caso, o thezouro e os consumidores brasileiros de productos estrangeiros seriam favorecidos em detrimento da producção indigena; no segundo caso, a producção indigena obteria vantagens como no periodo de 1890 e 1896; mas, o crédito do Estado se encontraria, de novo, em perigo, e os grandiosos resultados, obtidos pelo governo federal ha seis annos, restaurando as finanças da Republica e regularizando sua situação

relativa aos credores estrangeiros, se arriscariam irremediavelmente.

Melhor seria, pois, conservar a taxa de 12 d., a que o paiz já se habituou, facto que constitúe o melhor argumento em seu favor, e operar a reforma indicada, em breve tempo, porque, enquanto o curso forçado não fôr supprimido, no Brazil; enquanto a reforma monetária não se realisar, o cambio será instavel, o futuro aleatório e o desenvolvimento economico do paiz estacionário.

*
**

Um dos mais graves inconvenientes da instabilidade do cambio e do papel moeda de curso forçado, num paiz novo, onde a poupança nacional não teve ainda tempo de se constituir em forte escala, é isolar dos grandes mercados financeiros internacionaes e impedir a rapida valorisação das riquezas naturaes do seu territorio.

Este é, precisamente, o caso do Brazil, que poderia ser um dos mais ricos paizes do mundo, se os seus meios de acção, financeiros e economicos, se a densidade e aptidões de sua população estivessem em relação com os immensos recursos mineraes, industriaes e agricolas com que a natureza, generosamente, o dotou.

Para o Brazil, a instabilidade do padrão monetário não teve, sómente, como effeito, arruinar as finanças publicas e duplicar a importancia dos seus encargos fiscaes e administrativos; ella entorpeceu o desenvolvimento economico, diminuindo sensivelmente a corrente de imigração e afastando do paiz os capitães estrangeiros, que nelle se empregariam, como aconteceu nos Estados Unidos da America, no Canadá, na Australia. e não virão ao Brazil enquanto não tiverem certeza de poderem sair sem difficuldade.

E' verdade que o governo federal e alguns dos grandes Estados autónomos encontram facilmente, em Pariz ou em Londres, capitães que, emprestados sob a garantia e responsabilidade dos governos, mesmo quando são empregados em caminhos de ferro e obras publicas, não poderão dar grande impulso aos negocios industriaes, agricolas e commerciaes. Prestam evidentemente, reaes serviços, mas cústam muito caro, e a taxa do juro pago em ouro, está, ás vezes, em desproporção com o fim a attingir.

Ao contrario, os capitães privados que vêem, sem garantias, empregar-se nas explorações indigenas, crear empresas industriaes, agricolas, mineiras, não pêsam sobre o presente, nem sobre o futuro das finanças publicas; têm a immensa vantagem de se assimilarem, immediatamente, aos interesses nacionaes, de trazerem do exterior operarios amestrados para formarem pouco a pouco, operarios indigenas,

de applicarem á industria e á agricultura processos aperfeiçoados que serão, com o tempo, copiados pelos concurrentes nacionaes, e organisarem, assim, centros energicos de producção, dos quaes advirá, como resultados finaes, a transformação economica do paiz e sua emancipação financeira.

E' essa a historia dos Estados Unidos da America do Norte; e, se os Estados Unidos do Brazil quizerem imitar esse grande exemplo, deverão, prèssurosamente, regularisar a sua situação monetária como fizeram com as suas finanças e seus compromissos no exterior; isto é: passarem do regimen papel moeda de curso forçado, ao regimen da moeda sã.

Porque os capitães privadas se afastam systematicamente dos paizes de cambio instavel? Porque, uma vez empregados nesses paizes, ficam prisioneiros do premio sobre o ouro, e sóffrem, em suas relações com os capitães do paiz de procedencia, todas as vicissitúdes do cambio: tórnam-se, assim como os juros que podem produzir, inconversíveis em ouro como o papel-moeda de curso forçado a que se encorporáram.

IV

JUSTIFICAÇÃO DA TAXA DA ESTABILISAÇÃO DO CAMBIO BRAZILEIRO A 12 DINHEIROS OURO POR MIL REIS

A estabilisação do cambio brasileiro, na taxa de 12 d. ouro por mil reis ou em uma taxa qualquer inferior a 27 d., e a reforma do padrão monetário a que essa estabilisação servirá de base, não devem e não podem ser senão medidas de ordem interior destinadas a consagrarem e a consolidarem um estado de coisas existente ha cerca de quatro annos: são duas questões essencialmente nacionaes, affectando, sómente, interesses indigenas pela propria razão da solução arbitrária que compórtam, e, sómente, poderiam ser reguladas entre brasileiros. Por consequencia, todos os compromissos do Estado, todos os contráctos particulares contraídos em ouro sobre a antiga base de um mil reis=27 d. ouro, serão escrupulosamente respeitadas, como fôram os contráctos particulares da Austria-Hungria e da Russia, no momento das suas reformas monetárias.

A applicação desse principio afasta, de ante-mão, todas as reclamações estrangeiras. Mas, do ponto de vista brasileiro, poder-se-á sustentar, como succede em relação ás reformas monetárias austro-hungaras e russa, que a estabilisação legal do mil reis papel á taxa de 12 d. ouro, constituirá uma espécie de fallencia nacional disfarçada, e causará sério prejuizo aos detentores dos 674.400 contos de notas do Estado, ainda existentes, no Brazil, a 31 de março de 1904, sob o pretexto de que essas notas fôram emittidas a taxas

mais elevadas. O argumento não tem muito valor, porque, de um lado, a fallencia nacional disfarçada se deu no momento em que se estabeleceu o curso forçado; de outro lado, os detentores actuaes das notas não são, certamente, aquelles que os receberam do Estado ou dos bancos na occasião de sua emissão. Convém, todavia, examinar essa questão.

EDMOND THÉRY

(Continúa).

A MUSICA DOS SINOS

— *Que vózes de alegria e de dor têm os sinos!...*

SCHILLER.

Ah! quando o sino emocional bimbálha:
Blim-de-blim! blim-de-blim! divinamente
Se é manhã, pelo doce Azul se espálha
Uma alegria de encantar a gente.

Ah! quando o sino emocional bimbálha:
Blim-de-blim! blim-de-blim! divinamente,
Se é á tarde, o nosso peito se agasálha
Nos effluvios, do Angelus, frémente.

Mas quando o sino de uma igreja tange:
Dlom-dlom! dlom-dlom! toda noss'alma
abrange
Uma funda saudade indefinida...

E' que o *dlom-dlom!* do sino de uma igreja
Lembra o grasnar de um córvo que voêja
Sobre os ultimos dias desta Vida.

ARAÚJO FIGUEIREDO.

Tinha o seguinte titulo a chronica que, todas as semanas, apezar da doença, Patrocinio escrevia para a *Noticia*. Como se sabe, elle morreu quando ia em meio da que foi a ultima. E' dever da imprensa brasileira, recolher o derradeiro esforço do seu maior jornalista. Por isso, transcrevemos da *Noticia*, todo o pedaço da prosa em que parou aquella penna:

A'S SEGUNDAS

Alto, corpulento, desempenado, bastos cabellos encaracollados, rôsto cesarianamente glábro, algumas vezes, outras embellesados por uns bigódes cheios e recorcidos, bôcca rasgada, labios de sensual e uns olhos grandes de um brilho feito de intellectualidades, negros como os cabellos e os bigódes, este era o Bordallo que eu conheci soberano da graça, no mundo artistico portuguez.

Quando entalava o monóculo, e fitava, tomava um grande ar senhoril em que se traía a sua petulancia no ataque. Um sorriso perenne amaciava-lhe, porém, a catadúra ephemera e via-se bem que elle era, intimamente, bondade e despretenção.

A natureza déra-lhe como dóte para a vida, um museu de almas comicas que elle adaptava, com o seu lapis genial, as physionomías as mais refractárias á caricatúra, ou mais consagradas pela gloria para tornal-as irresistivelmente burlêscas. Com a rapidez de um relampago, apodêrava-se do meio onde estava e assenhoreando-se das physionomías e dos caractéres, podia desde logo transfigural-os de memória, sem perder uma linha, um gesto, surprehendendo o que havia de caricato em cada individualidade, e o traço com que elle a caractérisasse, nunca mais se apagava.

Tendo aprimorado litterariamente a sua intuição psychologica, ia buscar nos grandes modêlos as suas adaptações e por este procêso conseguiu ser sempre novo, fazendo uma arte absolutamente sua. Ora a sua penna rendilhava como uma aranha, reunindo centenas de figurinhas ornamentaes num canto de desenho, ora o seu lapis tinha os traços destinados á perspectiva, e com quatro borrões creava um colosso. A sua retina era um animatógrapho, surprehendia a vida dos personagens, que punha em scena, e a reproduzia com a mesma exactidão.

Vivemos juntos no *Besouro*, elle, o Henrique Chaves, o Dermeval da Fonseca, o Thomaz Alves Junior, o Arthur Barreiros e eu. O periódico foi fundado com capitaes fornecidos pelo conde de Mattosinhos, o Joãozinho Reis, que sonhou para esta terra uma imprensa nos moldes da que illústra as mais civilizadas capitaes do mundo, e viu o seu sonho duas vezes realizado no *Besouro* e no *Paiz*. Nós viviamos como anthéras numa corólla, sem desigualdades, trocando pensamentos, e embriagando-nos no perfúme de nossa alegria. Usavamos da liberdade de que os moços se invêstem, e que é filha do desprezo de uma confiança chimérica no futuro. Eramos todos artistas, á Victor Hugo : nove partes de vaidade e uma de interêsse. Convertimos as contrariédades em bom humor, ridicularisavamos as carrancas ameaçadoras do destino, pouco se nos dava que o mundo desabásse, comtanto que não perdêssemos a pilhéria do dia.

O Dermeval, sempre escondido na sua modestia, mas de uma operosidade incessante, como a dos bancos de

coral; tinha os originaes promptos, com uma regularidade do sol no horizonte ; o Chaves, martyrisando a unica victima, que elle tem feito neste mundo, — a ponta do bigode direito, disciplinava e exemplificava o amor ao trabalho ; o Arthur Barreiros, ciliçando-se com a grammatica e o estylo de Camillo Castello Branco, era a encarnação da ordem ; o Thomazinho esperava fleugmaticamente o momento psychologico ; eu ia com os outros.

O Bordallo, porém, insurgia-se. Que diabo ! não era possivel obrigar o espirito á hora certa duma citação judicial !. Não achas tú, hein ? Isto vem, não está ás ordens do patrão, como um carro de aluguél, homem ; e mesmo quando já cá dentro, não está para cada momento, como um bico de gaz, a que basta dar uma volta á torneira e chegar-lhe um phósphoro.

— Mas, olhe que hoje, é quinta-feira, e o jornal tem de sahir sabbado.

— E então ?! Pensa você que a vida social pára, como o sol de Josué, para que eu tenha o assumpto palpitante da semana, desenhando agóra ?.. E as vinte e quatro horas que séguem, homem ? Vocês calumniam o espirito humano, tirando-lhe a espontaneidade.

Só á ultima hora, quando só dispunha do tempo strictamente necessario para desenhar, mettia mãos ao trabalho, tirando o jaquêtão inglez e atirando-o sobre uma cadeira, murmurando entre dentes :

— Anda, Sysipho ; tóca para a pedra...

Fôram assim feitas as immortaes paginas do *Besouro*, collaboração, poderosa na intensificação da alma democratica do nosso paiz, de que Bordallo se fez compatriota com a extrema lealdade cosmopolita, que o alistava sob a bandeira de todos os idéaes bem-fasêjos.

Portuguez de lei, era-o elle pelo amor ao progresso, pelo orgulho da tradição, pelo heroismo com que se dedicava ao desenvolvimento da civilização da sua patria. Fazer a caricatúra, como Bordallo, é uma gloria indestructivel e branca, como a cathedral dos Jeronymos, que tanto assombra pela magestade do seu desenho original, como pela delicadeza de seus lavôres. A sua caricatúra entra no patrimonio da genialidade portugueza, como os

vêrsos de Camões, como os periodo de Vieira e de Eça, como os burilamentos de suas custódias e os sonhos de pedra de seus architectos.

Todo o olhar intelligente que pairar sobre o *Antonio Maria* e o *Besouro*, sem fallar nas suas outras obras, não poderá deixar de exclamar : é um genio !

* *

Falla-se na organização definitiva de uma sociedade protectora dos animaes.

Eu tenho pelos animaes um respeito egypcio. Penso que elles têm alma, ainda que rudimentar, e que elles têm conscientemente revóltas contra a injustiça humana.

Já vi um burro suspirar como um jústo, depois de brutalmente esbordado por um carroceiro que atulhára a carróça com carga para uma quadríga, e queria que o misero animal a arrancásse de um atoleiro

.. .. .

MAELSTROM

Existe nas cóstas da Noruega, cavado no oceano como as fáuces de um abysmo, um terrivel sorvedeiro, cujo tempestuoso e infernal bramir enche de allucinação e pavôr, o robusto coração dos Nautas.

Os navios que súlcam essas paragens, onde se desenrolam desoladamente as vagas gélicas e tórvas do Oceano Glacial Arctico, são ás vezes arrastados nas espiraes monstruosas dessa cratéra formidavel que os despedaça e afunda, para sempre, num turbilhão de espúma.

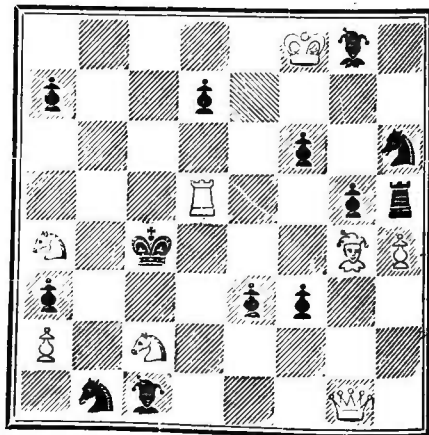
* *

Maelstrom é o teu coração, cruel Indifferente, onde vão naufragar, um a um, todos os meus sonhos, illusões e afféctos !...

VIRGILIO VARZEA

DIVERSÕES

Problema n. 14 — 13 PEÇAS



BRANÇAS, 8 peças

Jogam e dão mate em trez lances.